



Interativa

Comunicação e Expressão

Autora: Profa. Tânia Sandroni

Colaboradora: Profa. Christiane Mázur Doi

Professora conteudista: Tânia Sandroni

Doutora em Letras pelo Programa de Teoria Literária e Literatura Comparada da Universidade de São Paulo (2018), mestra em Ciências da Comunicação pela Universidade de São Paulo (2001) e graduada em Comunicação Social, com habilitação em Jornalismo (1990), pela Universidade de São Paulo (USP). É professora titular da Universidade Paulista (UNIP), com atuação principalmente nos cursos de Jornalismo, Publicidade e Propaganda, e Propaganda e Marketing.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

S219c Sandroni, Tânia.
Comunicação e Expressão / Tânia Sandroni. – São Paulo: Editora Sol, 2020.
136 p., il.
Nota: este volume está publicado nos Cadernos de Estudos e Pesquisas da UNIP, Série Didática, ISSN 1517-9230.
1. Elementos de comunicação. 2. Tópicos gramaticais. 3. Gêneros textuais. I. Título.

CDU 801

U507.01 – 20

Prof. Dr. João Carlos Di Genio
Reitor

Prof. Fábio Romeu de Carvalho
Vice-Reitor de Planejamento, Administração e Finanças

Profa. Melânia Dalla Torre
Vice-Reitora de Unidades Universitárias

Prof. Dr. Yugo Okida
Vice-Reitor de Pós-Graduação e Pesquisa

Profa. Dra. Marília Ancona-Lopez
Vice-Reitora de Graduação

Unip Interativa – EaD

Profa. Elisabete Brihy
Prof. Marcello Vannini
Prof. Dr. Luiz Felipe Scabar
Prof. Ivan Daliberto Frugoli

Material Didático – EaD

Comissão editorial:

Dra. Angélica L. Carlini (UNIP)
Dr. Ivan Dias da Motta (CESUMAR)
Dra. Kátia Mosorov Alonso (UFMT)

Apoio:

Profa. Cláudia Regina Baptista – EaD
Profa. Betisa Malaman – Comissão de Qualificação e Avaliação de Cursos

Projeto gráfico:

Prof. Alexandre Ponzetto

Revisão:

Elaine Pires
Ricardo Duarte

Sumário

Comunicação e Expressão

APRESENTAÇÃO	7
INTRODUÇÃO	7

Unidade I

1 CONCEITOS E ELEMENTOS DE COMUNICAÇÃO	9
1.1 Comunicar é preciso	9
1.2 Funções da linguagem	10
2 O TEXTO ESCRITO	16
2.1 Noções de texto	16
2.2 Principais diferenças entre a fala e a escrita	17
2.3 O que é um bom texto?	18
2.4 Qualidades do texto escrito	22
2.4.1 Clareza	22
2.4.2 Estrutura sintática adequada	27
2.4.3 Coesão	32
2.4.4 Coerência	37
2.4.5 Concisão	40
2.4.6 Adequação da linguagem	43
2.4.7 Paragrafação adequada	48
3 TÓPICOS GRAMATICAIS	49
3.1 Ortografia	50
3.2 Pontuação	53
3.3 Concordância verbal e nominal	55
3.4 Regência verbal e nominal	58
3.5 Uso dos pronomes pessoais	61
3.6 Emprego de formas verbais	62
3.7 Dúvidas e problemas comuns do dia a dia	63
4 TEXTOS COM PROBLEMAS	66

Unidade II

5 GÊNEROS TEXTUAIS	74
5.1 Estruturas e formatos de texto	74
5.2 Textos narrativos e descritivos	77
5.3 Textos expositivos e argumentativo-opinativos	85

5.3.1 Tipos de argumento	86
5.3.2 Problemas de argumentação	92
6 ALGUNS GÊNEROS TEXTUAIS ACADÊMICOS.....	94
6.1 Fichamento	96
6.2 Resumo.....	97
6.3 Resenha	97
6.4 Paráfrase	99
6.5 Ensaio	100
6.6 Relatório.....	100
6.7 Comunicação científica	101
6.8 Artigo científico.....	101
6.9 Projeto de pesquisa	103
6.10 Monografia	103
7 GÊNEROS TEXTUAIS DA COMUNICAÇÃO EMPRESARIAL	104
7.1 Carta comercial	105
7.2 Aviso	106
7.3 Ata	107
7.4 Declaração.....	107
7.5 Relatório.....	108
7.6 Requerimento	109
7.7 Currículo	109
7.8 E-mail	111
8 GÊNEROS TEXTUAIS DO COTIDIANO DIGITAL.....	113
8.1 Postagens e comentários em redes sociais.....	113
8.2 Conversas in box.....	116
8.3 Fóruns de discussão.....	118
8.4 Blogs.....	119
8.5 Memes.....	120

APRESENTAÇÃO

Caro(a) aluno(a),

A comunicação é essencial na vida do ser humano, e o domínio da modalidade escrita é fundamental em qualquer profissão. Por isso, a disciplina *Comunicação e Expressão* é comum a todos os cursos da universidade.

Este material tem como objetivo apresentar orientações para que você aprimore sua comunicação escrita. Sem recorrer a muitas terminologias específicas dos estudos da linguagem, pretendemos abordar características dos bons textos escritos, a fim de que você aperfeiçoe sua forma de expressão em diferentes gêneros textuais.

No dia a dia, precisamos redigir e-mails, relatórios, trabalhos acadêmicos ou mesmo um simples bilhete. Também fazemos publicações em redes sociais, expressamos pontos de vista em comentários e conversamos por meio de aplicativos. Todas essas e outras atividades exigem a competência de saber comunicar na modalidade escrita. Ainda que haja muitas diferenças, referentes à estrutura e à linguagem dos textos citados, todos exigem que a mensagem seja transmitida sem qualquer problema.

Neste livro-texto, apresentamos o conteúdo básico, necessário à produção textual minimamente eficiente. Não temos a pretensão de abarcar todos os itens relacionados ao tema e seus desdobramentos; assim, enfatizamos a importância de que outras obras sejam consultadas. Além disso, a prática da leitura e da escrita é imprescindível para a produção de um bom texto escrito. Em outras palavras, bons produtores textuais são também bons leitores.

Ótimos estudos!

INTRODUÇÃO

O ato de escrever não é simples. Existem muitas pessoas que se expressam oralmente de maneira muito desenvolta, mas, se são cobradas para "colocar no papel", têm dificuldades. Algumas dizem que "deu branco", "travou", "as palavras não vêm".

A competência de saber se expressar bem na modalidade escrita, no entanto, é extremamente importante tanto na vida pessoal quanto na vida profissional. Claro que há atividades, como o jornalismo, a publicidade, o direito e a docência, por exemplo, em que o bom texto escrito é matéria-prima imprescindível nas tarefas diárias. Isso não significa, no entanto, que apenas esses profissionais devam "escrever bem", pois a escrita adequada é necessária em qualquer cargo. Você deve conhecer empresas que, no processo seletivo para diversas funções, solicitam uma "redação", seja uma autoapresentação, seja a defesa de um ponto de vista sobre algum tema. Isso ocorre porque a boa comunicação escrita é qualidade básica exigida pelas organizações.

Muitos acham que um bom texto escrito é simplesmente aquele que não apresenta "erros gramaticais". Claro que, em situações de comunicação em que a obediência à norma padrão é necessária, os desvios

gramaticais comprometem a comunicação e a imagem do enunciador. Entretanto, não basta que um texto não tenha "erros" para que ele seja bom. Como se verá neste livro-texto, existem outras qualidades necessárias para que ele cumpra bem sua função comunicativa, como, por exemplo, a clareza. É comum que a ideia esteja clara para quem escreve, mas não para quem lê. Isso pode ocorrer por má construção sintática, pelo mau uso dos elementos de coesão, pela falta de concisão, pela inadequação, pela imprecisão da linguagem, entre outros fatores. Em muitos casos, observamos a junção desses problemas. Por isso, neste material, abordaremos as qualidades necessárias para que o texto cumpra bem sua função comunicativa.

Além das características da comunicação escrita eficiente, serão abordados elementos constitutivos de diferentes gêneros textuais, necessários em situações diárias e na trajetória universitária.

Enfim, o objetivo deste livro é ajudar o(a) aluno(a) a aprimorar sua competência na escrita de variados textos.

Unidade I

1 CONCEITOS E ELEMENTOS DE COMUNICAÇÃO

1.1 Comunicar é preciso

"Quem não se comunica se trumbica", dizia Chacrinha, famoso comunicador da televisão brasileira. O "Velho Guerreiro", como era conhecido, foi apresentador de programa de auditório por décadas e repetia constantemente o bordão. De fato, a comunicação é essencial à vida do ser humano, tanto no plano pessoal quanto no profissional. Sem comunicação, por meio de qualquer linguagem, fica inviável pensarmos a nossa vida.

O verbo "comunicar" origina-se do termo latino "communicare", que significa tornar comum. No dia a dia, temos a necessidade de tornar comuns experiências, ideias e sentimentos. Para refletir sobre a importância da comunicação na nossa vida, podemos, por exemplo, mencionar o filme *Náufrago*, em que o protagonista, interpretado por Tom Hanks, ao ficar preso em uma ilha deserta, passa a se comunicar com uma bola, chamada por ele de Wilson. A personificação do objeto, transformando-o em interlocutor, foi a forma que o personagem encontrou para superar as adversidades. Poder conversar com "alguém" foi essencial para que ele mantivesse a lucidez.

Mas o que é necessário para que haja comunicação? Obviamente, deve haver interlocutores em contato e uma mensagem codificada. São apontados seis elementos básicos do processo comunicativo: emissor, receptor, mensagem, canal, código e referente. Embora as novas tecnologias tenham alterado os papéis desses elementos e suscitado outras questões, ainda devemos considerá-los essenciais a qualquer processo comunicativo.

De forma didática, podemos definir o emissor como aquele que produz a mensagem, e o receptor como o indivíduo a quem ela se destina. O referente, como o nome indica, é aquilo a que a mensagem se refere.



Observação

Nas novas configurações em rede, observa-se a descentralização da emissão. O receptor também se torna facilmente emissor, com a interatividade promovida pelas novas tecnologias. Atualmente, nas palavras de Pierre Lévy (2005), temos um cenário marcado pela comunicação todos-todos.

O código, por sua vez, é a linguagem. Para que a comunicação ocorra, é necessário que emissor e receptor tenham conhecimento do mesmo conjunto de signos. Por meio da linguagem, o ser humano representa o mundo, constrói a realidade, organiza e dá forma a suas vivências. A linguagem revela aspectos históricos, culturais e sociais.

Linguagem é um conjunto de signos verbais ou não verbais. Língua é um tipo de linguagem, composto por signos verbais (palavras).

O esquema a seguir representa, de forma linear, sob a perspectiva clássica, o processo de comunicação. A mensagem é transformada em código pelo emissor (codificação) e, por meio de um canal, atinge o receptor, que a decodifica, ou seja, realiza a compreensão e a interpretação dela.

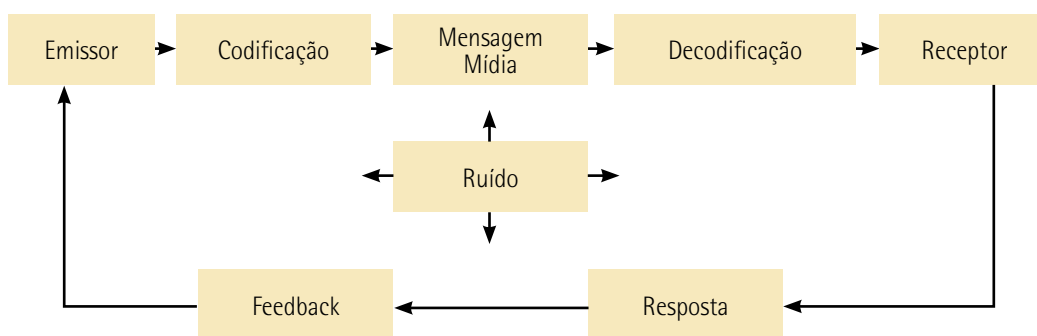


Figura 1

Após decodificar a mensagem, o receptor dá o feedback ao emissor. Se a comunicação foi eficiente, esse retorno será o esperado. Caso haja algum ruído (qualquer problema no processo de comunicação), a resposta do receptor será diferente da desejada pelo emissor.

1.2 Funções da linguagem

Com base nos seis elementos da comunicação, o linguista Roman Jakobson definiu as funções da linguagem. Sua classificação tem como critério o elemento de comunicação que predomina em dada situação.

Quadro 1

Elemento da comunicação em destaque	Função da linguagem
Emissor	Emotiva ou expressiva
Receptor	Apelativa ou conativa
Mensagem	Poética
Código	Metalinguística
Canal	Fática
Referente	Referencial

Quando a comunicação é centrada no emissor, no **eu**, fala-se na **função emotiva** ou **expressiva**. Trata-se de situações em que a subjetividade de quem emite a mensagem se encontra em evidência. Veja, como exemplo, o trecho da música "Até o fim", de Chico Buarque.

Até o fim

Quando nasci veio um anjo safado
O chato dum querubim
E decretou que eu tava predestinado
A ser errado assim
Já de saída a minha estrada entortou
Mas vou até o fim

Inda garoto deixei de ir à escola
Cassaram meu boletim
Não sou ladrão, eu não sou bom de bola
Nem posso ouvir clarim
Um bom futuro é o que jamais me esperou
Mas vou até o fim
[...]

Fonte: Buarque (s.d.).

Observe que o emissor está em evidência na letra. A mensagem é centrada na sua história de vida e no modo como a encara. A presença da primeira pessoa é essencial para a intencionalidade da composição.



Observação

A intencionalidade relaciona-se ao modo como o enunciador constrói seu texto para alcançar seus objetivos de comunicação. Esses objetivos podem ser informar, emocionar, convencer, solicitar, elogiar, criticar, entre outros.

Quando a comunicação tem como foco o receptor, com o uso de pronomes como "você" e "seu" ou de verbos no imperativo, tem-se a **função apelativa** ou **conativa**. Trata-se de uma função muito frequente na publicidade: "Beba Coca-Cola", "Abuse e use", "Você e sua família merecem", entre muitos outros exemplos. Devemos observar que o uso da função apelativa é muito importante na construção da persuasão que caracteriza o texto publicitário, pois ela cria efeito de proximidade com o receptor, tornando-o mais inclinado a absorver a mensagem. Tomemos como exemplo o anúncio a seguir:

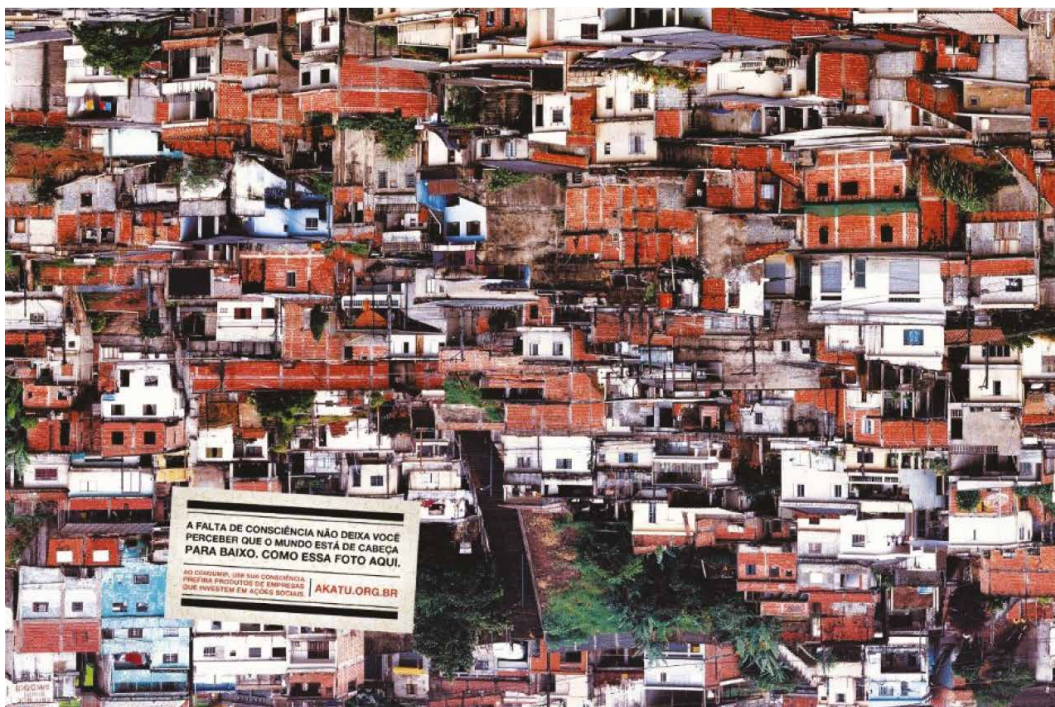


Figura 2

Na figura, o texto verbal é: "A falta de consciência não deixa você perceber que o mundo está de cabeça para baixo. Como esta foto aqui. Ao consumir, use sua consciência, prefira produtos de empresas que investem em ações sociais. AKATU.ORG.BR".

Note que o anúncio se dirige diretamente ao leitor. Podemos citar marcas linguísticas que evidenciam isso: "você", "use", "sua" e "prefira". A estratégia do texto é provocar o leitor para que ele não naturalize as desigualdades sociais, ou seja, para que ele as perceba no seu cotidiano.

Muitas vezes, não importa apenas o que dizer, mas como dizer. Nesses casos, procura-se trabalhar a linguagem, lapidar a forma da mensagem. Temos, então, a **função poética**. Essa função caracteriza-se pela utilização de recursos expressivos que aprimoram a dimensão estética da linguagem.

Como um dos inúmeros exemplos possíveis, podemos citar um trecho do poema "José", de Carlos Drummond de Andrade. O texto foi escrito pelo poeta em 1942, em um contexto marcado pela guerra mundial e pelo nazismo. O poeta expressa o desamparo e a impotência do indivíduo diante daquele cenário.

José

E agora, José?
A festa acabou,
a luz apagou,
o povo sumiu,
a noite esfriou,

e agora, José?
e agora, você?
você que é sem nome,
que zomba dos outros,
você que faz versos,
que ama, protesta?
e agora, José?

Está sem mulher,
está sem discurso,
está sem carinho,
já não pode beber,
já não pode fumar,
cuspir já não pode,
a noite esfriou,
o dia não veio,
o bonde não veio,
o riso não veio,
não veio a utopia
e tudo acabou
e tudo fugiu
e tudo mofou,
e agora, José?
[...]

Fonte: Drummond de Andrade (1975, p. 165).

Repare no ritmo dos versos, nas frases precisas, na escolha cuidadosa das palavras, no uso do sentido figurado. Tudo isso confere ao texto literariedade. A função poética encontra-se em textos literários, mas não é exclusividade deles. Há textos publicitários e jornalísticos, por exemplo, em que a função poética da linguagem está presente.



Observação

Literariedade, conceito elaborado pelos estudiosos formalistas, refere-se ao conjunto de características que permitem considerar um texto como literário.

Em alguns textos, há a preocupação de utilizar o código para explicá-lo. Temos, então, a **função metalinguística**. Um exemplo clássico é o dicionário, que utiliza palavras para explicar o significado das próprias palavras. Maurício de Sousa e outros desenhistas também utilizam bastante essa função em seus quadrinhos quando mostram a atuação do artista nas histórias. É o que observamos no texto a seguir, de Alexandre Beck.



Figura 3

O último quadrinho faz referência ao gênero textual a que a tirinha pertence. Temos, assim, o uso da função metalinguística.

Em determinadas situações, o importante é simplesmente manter a comunicação, o contato. Observa-se, então, a **função fática** da linguagem. Um bom exemplo é a conversa de elevador. Normalmente, fala-se sobre o tempo ou sobre o trânsito. São conversas vagas, sem "conteúdo"; o objetivo é apenas manter ativa a comunicação.

Observe o trecho do livro *A hora da estrela*, de Clarice Lispector, em que a protagonista conversa com Olímpico.

A hora da estrela

[...]

Ele: — Pois é!

Ela: — Pois é o quê?

Ele: — Eu só disse pois é!

Ela: — Mas, "pois é" o quê?

Ele: — Melhor mudar de conversa porque você não me entende.

Ela: — Entender o quê?

Ele: — Santa virgem, Macabéa, vamos mudar de assunto e já!

[...]

Fonte: Lispector (1998, p. 41).

Veja que não há propriamente uma conversa. Os dois apenas mantêm a comunicação ativa, sem preocupação com a construção efetiva de uma mensagem.

E, por fim, temos a **função referencial**, em que o foco é o referente, ou seja, a preocupação é com a informação. Uma notícia de jornal, como a apresentada a seguir, é um bom exemplo de texto em que a função referencial predomina.

As Olimpíadas Especiais, chamadas de Special Olympics World Games, promovem o esporte para pessoas com deficiência intelectual e são o segundo maior evento esportivo do mundo, atrás apenas dos Jogos

Olímpicos. A edição 2019 acontece de 14 a 21 de março, em Abu Dhabi, nos Emirados Árabes, porém os atletas brasileiros classificados podem ficar fora da competição por falta de verba. Até uma vaquinha virtual foi criada para tentar arrecadar fundos para a viagem (FORTE, 2019).

Devemos destacar que as funções não são excludentes, sendo possível encontrar várias funções em um mesmo texto. O predomínio de uma função sobre as demais é determinado pela intencionalidade, pelo gênero textual e pela situação de comunicação. O fundamental não é decorar as funções da linguagem, mas, sim, compreender que o uso predominante de qualquer uma delas produz efeitos diferentes na comunicação. Se a função emotiva é dominante, o efeito é mais subjetivo, o que é inadequado em textos que exigem objetividade, como as notícias e os trabalhos acadêmicos. Nesses dois casos, o enunciador deve privilegiar a função referencial da linguagem.



Observação

O termo "objetividade" não deve ser compreendido como concisão. No sentido empregado no texto, a palavra opõe-se a "subjetividade", ou seja, refere-se ao apagamento das marcas do sujeito.

Vejamos um exemplo. Imagine que um estudante escreva o seguinte em um texto acadêmico:

Eu acho que a Segunda Guerra Mundial terminou em 1945.
Felizmente os nazistas foram derrotados no conflito.

A falta de precisão e o efeito de subjetividade não são adequados para esse tipo de texto. O enunciado poderia ser proferido, sem problemas, em uma conversa, mas não em um trabalho escolar ou em uma resposta em prova. A expressão "eu acho" e o advérbio "felizmente" marcam a função emotiva da linguagem e conferem imprecisão e opinião ao enunciado. Nesse caso, deveria predominar a função referencial:

A Segunda Guerra Mundial terminou em 1945, com a derrota dos nazistas.

Note que, na segunda versão, as marcas do sujeito foram eliminadas, como se o enunciador fosse neutro. Tomemos, ainda, mais um exemplo. Leia o poema transcrito a seguir, de Cecília Meireles.

Retrato

Eu não tinha este rosto de hoje,
Assim calmo, assim triste, assim magro,
Nem estes olhos tão vazios,
Nem o lábio amargo.

Eu não tinha estas mãos sem força,
Tão paradas e frias e mortas;
Eu não tinha este coração
Que nem se mostra.

Eu não dei por esta mudança,
Tão simples, tão certa, tão fácil:
— Em que espelho ficou perdida
a minha face?

Fonte: Meireles (1984, p. 63).

Repare que o eu-lírico do texto faz, como o título indica, um retrato da mudança que sofreu com a vida. Nesse caso, o foco no emissor (com o uso da primeira pessoa) é imprescindível para a mensagem. No entanto, também se trata de um texto que tem sua dimensão estética trabalhada. Assim, observamos a presença essencial das funções poética e emotiva.



Saiba mais

Para entender melhor as funções da linguagem, consulte a parte 2 do livro *Produção de textos e usos da linguagem*.

CAMPEDELLI, S. Y.; SOUZA, J. B. *Produção de textos e usos da linguagem*: curso de redação. São Paulo: Saraiva, 1998.

2 O TEXTO ESCRITO

2.1 Noções de texto

Embora usada no dia a dia, a palavra “texto” pode ser, para muitas pessoas, de difícil definição. Não basta colocarmos algumas palavras no papel para produzirmos um texto. Elas devem transmitir uma mensagem. Por isso, dizemos que qualquer texto deve ser considerado como uma unidade de sentido, como uma forma de expressar uma ideia. Nas palavras de Fiorin e Platão (2001, p. 12):

Um texto possui coerência de sentido, o que significa que ele não é um amontoado de frases. Ao contrário, é um todo organizado de sentido. A palavra texto vem de uma das formas do verbo latino *texo*, que quer dizer “tecer”. O texto é um tecido, não um aglomerado desconexo de fios. Nele, o sentido de cada uma das partes é dado pelo todo. O significado de uma frase do texto será depreendido da totalidade. Assim, a mesma frase colocada num contexto diferente poderá apresentar sentidos diferentes.

Estudiosos do texto e do discurso chamam de textualidade o conjunto de características que transformam uma sequência de palavras em um texto. Fiorin e Platão (1999a) valem-se de uma analogia para conceituar o texto: da mesma forma que um amontoado de ingredientes não constitui uma receita, não é um conjunto de palavras ou frases que constrói um texto.

Também se deve considerar que um texto não existe de forma isolada do seu contexto e da situação de comunicação em que se insere. Segundo Norma Discini (2005, p. 13), o texto deve ser considerado "naquilo que é dito; no como é dito; no porquê do dito; na aparência; na imanência; como signo; como História".

2.2 Principais diferenças entre a fala e a escrita

É óbvio que escrever e falar são ações distintas. A escrita não é a mera transcrição da fala para o papel ou para a tela de um computador. Escrever exige, além do domínio do alfabeto, cuidado maior com a sintaxe e com a precisão da linguagem. Na fala, geralmente, temos menos preocupação com o vocabulário, com a clareza da referencialidade e com a construção das orações e dos períodos.

Veja o exemplo a seguir:

Aquela menina que eu conheci ontem, ela mora ali, sabe, perto do mercado do antigo mercado bem perto daquela avenida lá. Onde tem lá aquela praça que a gente costuma ir, sabe.

O texto é perfeitamente adequado a uma conversa entre amigos. No entanto, na modalidade escrita, ele apresenta problemas. Em primeiro lugar, podemos apontar a estrutura sintática. Observe que o pronome "ela" tira a função de sujeito que teria "aquela menina que eu conheci ontem", que, por sua vez, fica sem função sintática. Notamos, também, repetições, informações pouco precisas e marcas interacionais. Além disso, a pontuação não está adequada.



Observação

Marcas interacionais são termos que procuram manter a interação na conversa, como "né", "ai", "tá", "meu". São palavras muito comuns na fala, mas, no texto escrito, seu uso deve ser controlado.

Uma forma aceitável para o texto apresentado é a seguinte:

A menina que eu conheci ontem mora perto do antigo mercado, próximo à avenida na qual fica a praça que costumo frequentar.

Perceba que foi necessário organizar as informações e formulá-las em orações sintaticamente bem construídas, com a pontuação adequada. As repetições foram eliminadas, assim como os termos "soltos" da fala.

Vejamos agora outro trecho, parte de investigação realizada por estudiosos da oralidade. Durante a pesquisa foram transcritos depoimentos de estudantes.

[...] eu acho um fato interessante... né... foi como meu pai e minha mãe vieram se conhecer... né... que... minha mãe morava no Piauí com toda família... né... meu... meu avô... materno no caso... era maquinista... ele sofreu um acidente... infelizmente morreu... minha mãe tinha cinco anos... né... e o irmão mais velho dela... meu padrinho... tinha dezessete e ele foi obrigado a trabalhar... foi trabalhar no banco... e... ele foi... o banco... no caso... estava... com um número de funcionários cheio e ele teve que ir para outro local e pediu transferência pro local mais perto de Parnaíba que era a cidade onde eles moravam e por engano o... o... escrivão entendeu Paraíba... né... e meu... e minha família veio parar em Mossoró que era exatamente o local mais perto onde tinha vaga pra funcionário do Banco do Brasil e:: ela foi parar na rua do meu pai... né... e começaram a se conhecer... namoraram onze anos... né... pararam algum tempo... brigaram... é lógico... porque todo relacionamento tem uma briga... né... e eu achei esse fato muito interessante porque foi uma coincidência incrível... né... como vieram a se conhecer... namoraram e hoje... e até hoje estão juntos... dezessete anos de casados [...]

(CUNHA, 1998, p. 35).

Repare que a fala tem frases inconclusas, hesitações, palavras sem função sintática, termos interacionais e linguagem imprecisa. Essas marcas de oralidade não revelam pouco domínio da linguagem. Trata-se de características comuns a todos os falantes em determinadas condições de comunicação.

Exemplo de aplicação

Transforme a história contada pelo estudante em um texto escrito. Organize e articule as informações em períodos bem estruturados.

2.3 O que é um bom texto?

O que é um bom texto escrito? Quando dizemos que um texto é bom, temos em mente algum valor percebido nele: ou ele nos transmitiu bem uma informação, ou nos envolveu, ou nos comoveu, ou nos foi útil em algum aspecto. A boa qualidade de um texto está associada à sua intencionalidade, ao seu gênero textual e à expectativa que o receptor tem dele. Assim, a definição de um bom texto não é tão simples. No entanto, de forma genérica, podemos afirmar que um bom texto é aquele que cumpre adequadamente sua função comunicativa. Em outras palavras, um texto bem formulado é aquele em que não ocorre ruído provocado pela má codificação.

Vamos discutir isso com quatro exemplos:

Texto 1 – Placa de restaurante



CEJA BEM VINDO
NÓIS FASEMOS O MELHOR XURRASCO DA REJIÃO

Figura 4

Texto 2 – Aviso de hotel

O hotel oferece café da manhã. Está incluso na diária. O desperdício, será cobrado uma taxa de 20 reais, ou por itens específicos.

Texto 3 – Trecho de artigo de opinião

Se faz necessário, uma mudança de paradigma dos sistemas educacionais onde se centra mais nos estudantes, levando em conta suas potencialidades e capacidades e não apenas as disciplinas e resultados quantitativos, favorecendo uma pequena parcela dos alunos.

Texto 4 – Trecho de trabalho acadêmico

Ao moldar a preferência do consumidor e promovendo um poder sobre ele, a publicidade cria condições para o comércio e provocando uma demanda a seus produtos, criando necessidades que antes ele não tinha, assim como o desejo por um novo aparelho ou roupa, gerando o consumismo.

Certamente, à primeira vista, o texto 1 foi o que produziu maior estranhamento, pois trata-se de um texto com erros ortográficos. No entanto, se apenas ouvirmos a mensagem, não perceberemos nenhum problema e compreenderemos o que foi dito. Dessa forma, se alterarmos algumas letras, o texto ficará "consertado".



SEJA BEM-VINDO
NÓS FAZEMOS O MELHOR CHURRASCO DA REGIÃO

Figura 5

Você deve ter percebido que a correção foi relativamente simples, isto é, a alteração na grafia tornou o texto "bom", ou seja, ele cumpre sua função comunicativa: convida possíveis clientes a experimentarem a comida no restaurante.



Lembrete

Erro ortográfico ocorre quando a palavra não é escrita de forma correta.

Vejam agora o texto 2. Repare que não há erros ortográficos, mas podemos perceber problemas de pontuação e concordância, por exemplo. Se eliminarmos esses erros, o texto fica assim:

O hotel oferece café da manhã. Está incluso na diária. O desperdício será cobrada uma taxa de 20 reais, ou por itens específicos.

Note que, mesmo "consertando" erros gramaticais, ainda há algo estranho no terceiro período. A estrutura sintática dele não está correta. Tentemos mais uma mudança:

O hotel oferece café da manhã. Está incluso na diária. **Em caso de desperdício, será cobrada uma taxa de 20 reais**, ou por itens específicos.

Agora a estrutura ficou melhor. No entanto, há um trecho "solto": "ou por itens específicos". A mensagem ainda é pouco clara. Também é possível juntar as duas primeiras orações em um único período. Vamos, então, reformular o texto mais uma vez:

O hotel oferece café da manhã incluso na diária. Em caso de desperdício, cobraremos uma taxa de 20 reais ou o valor de itens específicos.

Observe que deu mais trabalho "consertar" o texto 2 do que o texto 1. Isso porque os erros ortográficos são pontuais, isto é, basta estabelecer a grafia correta. Quando o problema envolve a estrutura sintática, a correção não é tão simples. É possível que alguém alegue que a mensagem era compreensível, mesmo com os problemas. Muitas vezes, nosso conhecimento de mundo e o bom senso fazem com que compreendamos o que o enunciador quis dizer. No entanto, isso não significa que o texto tenha sido bem formulado. O bom texto não deve necessitar da "boa vontade" do leitor para ser compreendido.

Passemos agora ao texto 3. Nele, há erros gramaticais referentes à colocação pronominal, à pontuação e à concordância nominal. Vamos corrigi-los:

Faz-se necessária uma mudança de paradigma dos sistemas educacionais onde se centra mais nos estudantes, levando em conta suas potencialidades e capacidades e não apenas as disciplinas e resultados quantitativos, favorecendo uma pequena parcela dos alunos.

Ainda assim, o texto não está bom, pois a mensagem não é clara. O autor propõe uma mudança no paradigma educacional, mas a proposta não está bem formulada. Há problemas na coesão e na construção sintática do período. Vamos tentar esclarecer a mensagem:

Faz-se necessária uma mudança de paradigma dos sistemas educacionais a fim de que sejam levadas em conta as potencialidades e as capacidades dos estudantes. O sistema atual favorece uma pequena parcela dos alunos, pois foca apenas nas disciplinas e nos resultados quantitativos.

Note que foi preciso alterar bastante o texto original, pois tivemos que reorganizar as ideias e as orações.

Vejamos agora o texto 4. A mensagem parece bem formulada? Ainda que, com boa vontade, consigamos entender o que o autor quis dizer, a forma de expressão é ruim. A estrutura sintática das orações está comprometida devido ao uso inadequado do gerúndio como recurso de ligação entre as orações. O "conserto" exige a reformulação.

A publicidade, ao moldar a preferência do consumidor pelo poder que exerce sobre ele, amplia a demanda pelos produtos anunciados e estimula o comércio. As peças publicitárias criam necessidades nos indivíduos, levando-os ao consumo exagerado de produtos.

Na versão original, falta paralelismo sintático, e o uso indevido do gerúndio deixa as orações sem sujeito. O que esperamos que você perceba é que existem vários tipos de problemas que um texto pode apresentar. Diferentemente do que muitos pensam, a inexistência de erros ortográficos não garante a boa qualidade de um texto.



Lembrete

A mera obediência às regras da norma padrão (ou norma culta) não assegura a boa qualidade do texto.

É importante ressaltar que esses fatores não são isolados, mas agem em conjunto para que um texto seja bom. Em outras palavras, um problema de coesão, por exemplo, pode ocasionar um problema de incoerência ou de falta de clareza. Assim, apesar de serem apresentadas de forma separada, por questões didáticas, as características devem ser pensadas de modo integrado.



Saiba mais

Leia o livro *Técnicas de comunicação escrita*, de Izidoro Blikstein. O autor mostra com exemplos cotidianos os fatores que devem ser considerados na elaboração de um bom texto escrito.

BLIKSTEIN, I. *Técnicas de comunicação escrita*. São Paulo: Contexto, 2016.

2.4 Qualidades do texto escrito

2.4.1 Clareza

Sem dúvida, a clareza é fundamental em qualquer texto. Quando um texto não é claro, sua mensagem não é compreendida da forma desejada. Vimos anteriormente que muitas vezes é difícil compreender aquilo que o enunciador quis dizer.

A falta de clareza pode ser causada por vários fatores, como, por exemplo, pela má construção da oração ou do período, pelo uso pouco preciso de pronomes ou pelo duplo significado de alguma palavra.

Observe o enunciado a seguir:

Pedro disse a seu amigo que ele andava triste.

A mensagem está totalmente clara? Não sabemos ao certo quem estava triste. No enunciado, o pronome pessoal "ele" pode se referir tanto a Pedro quanto a seu amigo, e isso prejudica a clareza da mensagem.

Certa vez, uma emissora de televisão anunciou a transmissão do "campeonato de futebol japonês". Com essa formulação, podia-se entender que se tratava de uma modalidade de futebol. Alguns dias depois, o anúncio foi alterado para "campeonato japonês de futebol".

Não existem fórmulas para redigir um texto claro, mas existem algumas dicas que ajudam. A primeira é construir períodos não muito longos.



Observação

O período é o conjunto de orações. Seu fim é determinado pelo ponto final. O número de orações em um período é determinado pelo número de verbos presentes.

Não é conveniente que um período tenha muitas orações ou muitos termos, pois as informações vão se sobrepondo. Seguindo o mesmo raciocínio, é aconselhável também não abusar das orações subordinadas, pois a relação de dependência entre elas torna o período mais complexo. Veja o exemplo a seguir:

No dia seguinte do pagamento o banco envia um arquivo para o departamento de recursos humanos, que verifica se todos os pagamentos foram realizados com sucesso, e caso haja algum pagamento que não foi realizado verifica-se se os dados estão corretos ou se há problemas com a conta bancária e se for um problema de numeração é corrigido e reenviado ao banco no dia seguinte ou é feito uma ordem de pagamento para o funcionário.

Perceba que, no texto, há apenas um período, e a má articulação das orações, sem a pontuação adequada, torna a ideia pouco clara. Vejamos como a divisão do período e o uso correto das normas de sintaxe podem ajudar a melhorar o texto.

No dia seguinte ao pagamento, o banco envia um arquivo para o departamento de recursos humanos, que confere se todas as transações foram realizadas com sucesso. Caso ocorra algum imprevisto, o setor verifica se os dados estão corretos ou se há problemas com a conta bancária. Se houver erro de numeração, corrigem-se e reenviam-se os dados ao banco, ou realiza-se uma ordem de pagamento para o funcionário.

Além de evitar períodos longos, convém escrever em ordem direta, isto é, colocar na sequência o sujeito, o verbo, os complementos e os adjuntos. As inversões normalmente exigem do leitor maior esforço na compreensão da ideia. Basta lermos uma poesia parnasiana, por exemplo, para vermos que a inversão, embora possa ter bom efeito estilístico, dificulta a apreensão rápida da mensagem.

Vejamos os dois enunciados a seguir:

O envio da cópia do documento solicitou, na tarde de ontem, o diretor da empresa.

Na tarde de ontem, o diretor da empresa solicitou o envio da cópia do documento.

Em qual dos dois enunciados a mensagem chega de forma mais clara ao leitor? Certamente no segundo. Na ordem direta, temos sujeito, verbo e complementos. No primeiro enunciado o sujeito foi colocado no final do período, e o complemento do verbo, antes dele. Essa inversão exige maior esforço na compreensão da mensagem. Veja as recomendações do *Manual de redação e estilo* do jornal *O Estado de S. Paulo*:

Seja claro, preciso, direto, objetivo e conciso. Use frases curtas e evite intercalações excessivas ou ordens inversas desnecessárias. Não é justo exigir que o leitor faça complicados exercícios mentais para compreender o texto.

Adote como norma a ordem direta, por ser aquela que conduz mais facilmente o leitor à essência da notícia. Dispense os detalhes irrelevantes e vá diretamente ao que interessa, sem rodeios (MARTINS, 1997, p. 15).

Embora as orientações refiram-se ao texto jornalístico, elas são pertinentes a vários outros gêneros textuais. É importante observar se a ordem, direta ou não, dos termos provoca ambiguidade não desejada na mensagem. Veja, por exemplo, os títulos jornalísticos a seguir:

Atriz afirma ter medo de morrer em entrevista.

Vigilância acha bactéria que causa aborto em esfihas de lanchonete.

Após morte de cachorro, empresa faz parceria por castração e treinamento de funcionários.

No primeiro caso, entendemos que a atriz tem medo de morrer durante uma entrevista. Associamos o termo "em entrevista" a morrer, e não ao verbo "afirmar". Podemos evitar a má compreensão da seguinte forma:

Em entrevista, atriz afirma ter medo de morrer.

No segundo, o título está em ordem direta, mas temos a impressão de que as esfihas irão abortar. O que causa essas distorções nos títulos? Certamente a ordem dos termos não está adequada. Associamos "as esfihas" com "aborto", e não com o verbo "achar". A mudança na ordem resolveria o problema:

Vigilância acha, em esfihas de lanchonete, bactéria que causa aborto.

No terceiro, entendemos a locução "de funcionários" como complemento de "castração e treinamento", e associamos ambos os termos a "parceria", parecendo que os funcionários serão treinados e castrados. Nesse caso, a mera alteração da ordem não corrige o problema. Poderíamos, por exemplo, propor o seguinte:

Após morte de cachorro, empresa investe em treinamento de funcionários e faz parceria por castração de animais.

Nos três casos, os problemas devem-se à sintaxe do enunciado.

Veja a questão a seguir, proposta pelo vestibular da Unicamp.

Exemplo de aplicação

Questão. (Unicamp 1992) Às vezes, quando um texto é ambíguo, é o conhecimento que o leitor tem dos fatos que lhe permite fazer uma interpretação adequada do que lê. Um bom exemplo é o trecho que segue, no qual há duas ambiguidades, uma decorrente da ordem das palavras, e a outra, de uma elipse de sujeito.

O presidente americano [...] produziu um espetáculo cinematográfico em novembro passado na Arábia Saudita, onde comeu peru fantasiado de marine no mesmo bandeirão em que era servido aos soldados americanos. (Veja, 9 jan. 1991)

- a) Quais as interpretações possíveis das construções ambíguas?
- b) Reescreva o trecho de modo a impedir interpretações inadequadas.

Resolução

Como afirma o enunciado da questão, o primeiro problema diz respeito à ordem das palavras. A expressão "fantasiado de marine" parece referir-se ao peru. No segundo caso, o ocultamento do sujeito "era servido" dá a entender que se tratava do presidente americano. Assim, as respostas esperadas eram as apresentadas a seguir:

- a) Entende-se que o peru estava fantasiado de marinheiro e que o presidente americano era servido no bandeirão.
- b) O presidente americano [...] produziu um espetáculo em novembro passado na Arábia Saudita, onde, fantasiado de marine, comeu peru junto com os soldados americanos no mesmo bandeirão/O presidente americano [...] produziu um espetáculo em novembro passado na Arábia Saudita, onde, fantasiado de marine, comeu peru no mesmo bandeirão em que a refeição era servida aos soldados americanos.

Deve-se observar, contudo, que em alguns casos a intenção do enunciador é criar duplo sentido no enunciado. Isso acontece, por exemplo, em piadas, músicas, textos midiáticos, entre outros. Nesses casos, não há falta de clareza. Trata-se de um recurso para causar determinado efeito. É o que se nota na tirinha a seguir:



Figura 6

O humor do texto concentra-se na ambiguidade que a resposta "eu também", do último quadrinho, apresenta. Ela pode se referir ao fato de o personagem também fazer sexo com outra pessoa ou ao fato de ele fazer sexo com a noiva do amigo. A ambiguidade intencional não compromete a clareza do texto. Ao contrário, ela enriquece seu sentido.

Vejam os mais um exemplo:



Figura 7

Obviamente, o personagem que propõe que o outro faça propaganda "pelas costas" referia-se a atuar de forma escondida, sem que o Beltrano soubesse. No entanto, o rapaz compreende a expressão no seu sentido literal e mostra que já anuncia o Sicrano na parte de trás da camiseta. No caso, a ambiguidade não se deu pela ordem das palavras, mas, sim, pelo duplo sentido da expressão.

Esse recurso é bastante usado em diferentes tipos de textos, como se pode ver no anúncio da figura a seguir, que tem, em seu lado direito, o título "Novo Freezer Consul. Com frio envolvente. Mantém as bebidas frias, e a sua cabeça também".



Figura 8

A expressão "Fica frio" pode ser entendida no seu sentido conotativo (figurado) ou no sentido denotativo (literal). Pode se referir ao fato de o consumidor ficar tranquilo ou ao fato de o produto ficar gelado. A dupla interpretação é reforçada pelo título em cima do texto verbal.

2.4.2 Estrutura sintática adequada

Você provavelmente deve se lembrar das aulas de língua portuguesa em que os professores pediam que fosse feita a análise sintática das orações e dos períodos. Para parte da turma, tratava-se de uma tarefa um pouco traumática. Alguns tentavam decorar maneiras de acertar a resposta e muitos não entendiam por que deveriam estudar aquilo.

Para entender a importância da sintaxe e a necessidade de conhecê-la para escrevermos bem, precisamos defini-la. A tirinha a seguir é um bom estímulo para isso.

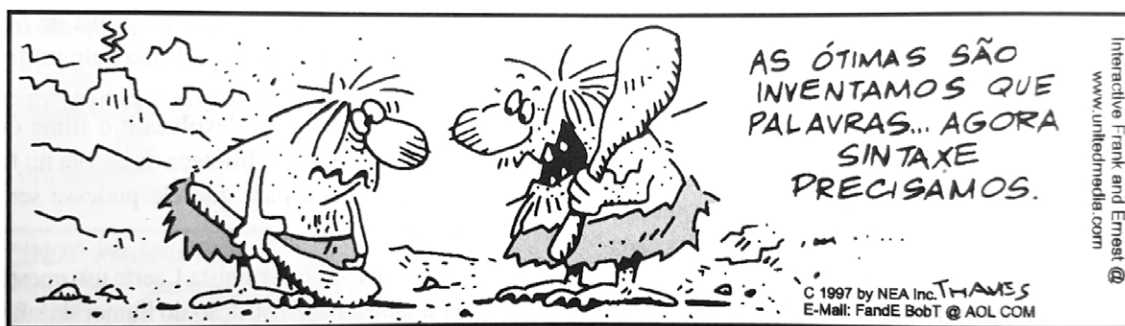


Figura 9

Obviamente, a fala do personagem não faz sentido. Por que isso ocorre? Porque as palavras não estão em uma sequência aceitável para a sintaxe da nossa língua. Para ser compreensível, temos que reordenar os termos: "As palavras que inventamos são ótimas... Agora precisamos [da] sintaxe".

Sintaxe, portanto, diz respeito aos termos que constituem uma sentença e às relações formais entre eles na estrutura da frase. Qualquer falante de uma língua domina naturalmente a sua "sintaxe natural", ou seja, sabe ordenar as palavras de modo que o sentido seja construído. No entanto, o assunto não é tão simples assim. Para escrever corretamente, precisamos conhecer um pouco melhor os termos e suas funções na oração e no período. Se tivermos em mente as funções dos termos de uma oração ou de um período, poderemos construir mensagens mais claras e sem erros de concordância, regência ou pontuação, por exemplo.

O primeiro termo que devemos identificar em uma oração é o sujeito. De acordo com Inez Sautchuk (2011, p. 20), o padrão SVC (sujeito + verbo + complemento) é uma espécie de matriz a partir da qual podem ser criadas outras.

Vamos ler os quadrinhos a seguir:



Figura 10

Claro que o humor dos quadrinhos vem da crítica política. Miguelito erra o sujeito sintático da oração, mas aponta a responsabilidade do gestor público no cuidado com a cidade.

Na oração dita por Mafalda, temos o sujeito (esse lixo), o verbo (enfeia) e o complemento (a rua).



Lembrete

Sujeito, verbo e complemento são termos essenciais da oração. Além deles, podemos acrescentar adjuntos adverbiais ou adnominais, que são acessórios.

Para entender melhor a matriz SVC, considere:

O cachorro invadiu o gramado.

Temos o sujeito (cachorro), o verbo (invadiu) e o complemento do verbo (gramado). Poderíamos acrescentar outros termos.

Inesperadamente, o cachorro invadiu o gramado durante o jogo.

Observe que os termos acrescentados são acessórios, pois a estrutura sintática da oração já estava completa. Também podemos acrescentar outras orações e, assim, formar um período composto.

Inesperadamente, o cachorro **que vive nos arredores do estádio** invadiu o gramado durante o jogo de futebol **que definiria o campeão**.

Observe que acrescentamos mais duas orações (grifadas no período). Essas duas orações qualificam o cachorro e o jogo, por isso são denominadas orações adjetivas.



Lembrete

Identificamos o número de orações pelos verbos. O período é delimitado pelo ponto final.

Na oração a seguir podemos identificar os termos essenciais:

Naquela manhã de domingo, eu recebi o terrível telefonema, com a triste notícia.

Repare que temos o sujeito (eu), o verbo (recebi) e o complemento (telefonema). Os demais termos são acessórios.



Observação

O sujeito não precisa estar explícito. Pode ser oculto, indeterminado ou inexistente. O verbo, se for intransitivo, não necessita de complemento.

Vamos, agora, analisar o período a seguir:

Se seu cachorro for pego fazendo xixi nas dependências do edifício, levará multa.

Certamente o aviso causa estranhamento, pois entendemos que o cachorro levará a multa. Isso ocorre porque tomamos "seu cachorro" como sujeito da segunda oração. Se explicitarmos o sujeito de "levará multa", o problema será resolvido:

Se seu cachorro for pego fazendo xixi nas dependências do edifício, você levará multa.

Trata-se de um erro comum, cometido até mesmo por profissionais da escrita, como se vê na questão a seguir:

Exemplo de aplicação

Questão. (Unicamp 1991) No texto a seguir, há um trecho que, se tomado literalmente (ao pé da letra), leva a uma interpretação absurda.

A oncocercose é uma doença típica de comunidades primitivas. Não foi desenvolvido ainda nenhum medicamento ou tratamento que possibilite o restabelecimento da visão. Após ser picado pelo mosquito, o parasita (agente da doença) cai na circulação sanguínea e passa a provocar irritações oculares até a perda total da visão. (Folha de S. Paulo, 2 nov. 1990)

- a) Transcreva o trecho problemático.
- b) Diga qual a interpretação absurda que se pode extrair desse trecho.
- c) Qual a interpretação pretendida pelo autor?
- d) Reescreva o trecho de forma a deixar explícita tal interpretação.

Resolução

O problema está no seguinte trecho:

Após ser picado pelo mosquito, o parasita (agente da doença) cai na circulação sanguínea [...].

Temos duas orações, o sujeito da segunda é "parasita". Na primeira, no entanto, o sujeito está oculto. Dessa forma, entendemos como sujeito o termo da segunda oração. Com essa formulação, o jornalista afirma que o parasita, e não o indivíduo, é picado pelo mosquito. Para consertarmos o problema, temos que colocar o sujeito adequado na primeira oração:

Após o indivíduo ser picado pelo mosquito, o parasita (agente da doença) cai na circulação sanguínea [...].

Muitas vezes, um texto torna-se pouco compreensível porque o período encontra-se sintaticamente incompleto ou mal estruturado. É o que ocorre no exemplo a seguir:

Na Idade Média as convenções da arte, geralmente uma arte muito voltada para a cultura religiosa, ou seja, uma arte voltada para a educação e não para o deleite dos sentidos.

Você conseguiu compreender a mensagem? Percebeu que há frases sem continuidade? O termo que deveria atuar como sujeito (as convenções da arte) fica sem verbo e sem complemento.

Problema semelhante ocorre no seguinte período:

A concepção de Deus nas três grandes religiões monoteístas,
Deus se encaixa na descrição do observador ideal.

Não entendemos bem a ideia, pois a estrutura sintática está comprometida. Com esforço, podemos inferir a mensagem e reconstruir o período:

Nas três grandes religiões monoteístas, a concepção de Deus
encaixa-se na descrição do observador ideal.



Lembrete

Problemas de estruturação sintática comprometem a clareza da mensagem. Em alguns casos, ela fica ininteligível.

Na construção sintática das orações, é importante, também, prestarmos atenção no paralelismo. Trata-se de estruturas nominais ou oracionais articuladas por um nexos comum, o que exige construções similares. É comum ocorrer quebras desse paralelismo, o que se constitui, muitas vezes, como defeito.

Veja os exemplos de problemas gerados pela quebra de paralelismo sintático:

Ele gostou das roupas da liquidação, sapatos e acessórios.

Comentário: observe que "roupas da liquidação", "sapatos" e "acessórios" são três complementos do verbo "gostar", mas a contração da preposição "de" com o artigo só está acompanhando o primeiro termo.

Correção: *Ele gostou das roupas da liquidação, dos sapatos e dos acessórios.*

Era necessário que o Brasil assumisse **uma posição** de liderança
e vencendo o sentimento de subdesenvolvimento.

Comentário: note que a segunda e a terceira oração não mantêm a mesma estrutura.

Correção: *Era necessário que o Brasil assumisse uma posição de liderança e vencesse o sentimento de subdesenvolvimento.*

Ele disse que, **embora estivesse cansado e chovendo**, ficaria conosco.

Comentário: os verbos "estivesse" e "chovendo" não têm o mesmo sujeito. Além disso, há quebra do paralelismo semântico, pois entre chuva e cansaço não se estabelece relação.

Correção: *Ele disse que ficaria conosco, apesar da chuva e do cansaço que sentia.*

O governo pensa **na redução** dos juros e **estimular** o crescimento.

Comentário: os dois termos complementam o verbo "pensar", mas um é substantivo e outro, verbo.

Correção: *O governo pensa na redução dos juros e no estímulo ao crescimento./O governo pensa em reduzir os juros e em estimular o crescimento.*

2.4.3 Coesão

A coesão refere-se à articulação, ao encadeamento das ideias do texto. Por meio dos elementos coesivos, os termos das orações, dos períodos e dos parágrafos são articulados.



Observação

Sinais de pontuação, pronomes, advérbios e conjunções são elementos de coesão.

Como estímulo para abordarmos o tema, leia o texto de Millôr Fernandes:

Snooker

Certa vez eu jogava uma partida de sinuca e só havia a bola sete na mesa. De modo que mastiguei-a lentamente saboreando-lhe os bocados com prazer. Refiro-me à refeição que havia pedido ao garçom. Dei-lhe duas tacadas na cara. Estou me referindo à bola. Em seguida saí montado nela e a égua, de que estou falando agora, chegou calmamente à fazenda de minha mãe. Fui encontrá-la morta na mesa, meu irmão comia-lhe uma perna com prazer e ofereceu-me um pedaço: "obrigado", disse eu, "já comi galinha no almoço".

Logo em seguida chegou minha mulher e deu-me na cara. Um beijo, digo.

Ao mesmo tempo eu dei-lhe um pontapé e a cachorrinha saiu latindo. Então apertei-a contra mim e dei-lhe um beijo na boca. De minha mulher, digo. Dei-lhe um abraço. Fazia calor. Daí a pouco minha camisa estava inteiramente molhada. Refiro-me à que estava na corda secando quando começou a chover. Minha sogra apareceu para apanhar a camisa. Não tive outro remédio senão esmagá-la com o pé. Estou falando da barata que ia trepando na cadeira.

Malaquias, meu primo, vivia com uma velha de oitenta anos. A velha era sua avó, esclareço. Malaquias tinha dezoito filhos, mas nunca se casou. Isto é, nunca se casou com

uma mulher que durasse mais de um ano. Agora, sentado à nossa frente, Malaquias fura o coração com uma faca. Depois corta as pernas e o sangue vermelho do porco enche a bacia.

Nos bons tempos passeávamos juntos. Eu tinha um carro. Malaquias tinha uma namorada. Um dia rolou a ribanceira. Me refiro a Malaquias. Entrou pela pretoria adentro arrebatando a porta e parou resfolegante junto do juiz pálido de susto. Me refiro ao carro. Depois então saiu da pretoria com a noiva já na direção. Me refiro ao carro. E a Malaquias.

Fonte: Fernandes (1973, p. 45).

Certamente a leitura deve ter causado estranhamento. Você saberia identificar o que provocou isso? Algo pouco usual acontece já no princípio. Em um primeiro momento, associamos os pronomes "a" em "mastiguei-a" e "lhe" em "saboreando-lhe" à bola sete. A confusão só se desfaz quando o narrador afirma se referir à refeição que havia pedido ao garçom.

Isso ocorre porque "a" e "lhe" são anafóricos, isto é, são termos que retomam outro já mencionado no texto. Assim, ao lermos a segunda linha, consideramos que o narrador mastigou e saboreou a bola de bilhar, o que contraria nosso conhecimento de mundo.



Observação

Termos anafóricos são palavras que fazem referência a um antecedente já usado no discurso.

O texto mantém a mesma estratégia até o final, ou seja, usa os anafóricos antes dos termos a que eles se referem. Obviamente, trata-se de um recurso que o autor explorou e que nos mostra como o uso desses elementos de coesão é importante em qualquer texto.

De acordo com Maria da Graça Costa Val (2006), a coesão é construída por meio de dois tipos de mecanismos: gramaticais e lexicais. Entre os primeiros, estão, por exemplo, os pronomes anafóricos, os artigos, os verbos e as conjunções. Esses elementos estabelecem relações não só entre os elementos de uma frase como também entre as frases. Entre os segundos, encontram-se a reiteração, a substituição e a associação.

Vejamos um exemplo:

Paulo entregou o relatório ao chefe, porém o documento estava incompleto. Por isso, o funcionário foi advertido.

Observe que o nome Paulo é retomado pela sua função na empresa: funcionário. O substantivo "documento" substitui "relatório". Entre os mecanismos gramaticais, destacam-se as conjunções "porém"

e "por isso", que estabelecem, respectivamente, ideias de adversidade e de consequência. Repare que os mecanismos lexicais incluem os sinônimos e os hiperônimos.



Observação

Hiperônimos são palavras amplas, que englobam outras, os hipônimos. Por exemplo, flor é hiperônimo, engloba rosa, cravo, margarida etc.

Muitos elementos de coesão são didaticamente agrupados de acordo com o sentido que estabelecem na oração. A seguir, alguns exemplos:

- **Explicação, causa e consequência:** pois, porque, tanto que, por isso, uma vez que, na medida em que, tanto que.
- **Contraste ou oposição:** mas, contudo, entretanto, pelo contrário, embora, apesar, ainda que.
- **Adição:** e, mas também, nem, além disso, ainda mais.
- **Conformidade:** segundo, conforme, de acordo com.
- **Relevância:** principalmente, sobretudo, antes de mais nada, acima de tudo, primeiramente.
- **Condição:** se, caso.
- **Esclarecimento:** isto é, ou seja, por exemplo.
- **Certeza:** certamente, sem dúvida.
- **Tempo ou frequência:** geralmente, normalmente, raramente, sempre, nunca, imediatamente, mal, enquanto.
- **Finalidade:** a fim de, para que.
- **Proporcionalidade:** à medida que.

Para ilustrar, tomemos duas informações:

Maria dormiu. Sua filha não voltou do trabalho.

Podemos articular essas informações de diferentes formas:

Maria dormiu e sua filha ainda não voltou do trabalho.

Maria dormiu, apesar de sua filha não ter voltado do trabalho.

Maria dormiu antes de sua filha voltar do trabalho.

Observe que, dependendo da conjunção utilizada, a associação entre as duas informações se modifica.

Certa vez, um comercial de uma marca de refrigerante apresentou como locutor um menino que tinha orgulho de seu pai ser caminhoneiro de uma empresa que distribuía a bebida em vários lugares do país. No final da peça, ele dizia:

Meu pai é motorista da empresa X, mas também leva alegria a muita gente.

Observe que o uso da conjunção adversativa (mas) estabelece uma relação de oposição com o que foi enunciado na oração anterior. Dessa forma, entende-se que, apesar da profissão, o pai é um bom sujeito e capaz de realizar boas ações. Evidentemente, a intenção do publicitário não era essa. Imaginamos que ele pretendia associar a alegria à entrega do produto. Nesse caso, a conjunção deveria estabelecer uma relação de conclusão entre as orações. A conjunção "mas" poderia, por exemplo, ser substituída por "por isso". Observe que, com a substituição, vincula-se a alegria com o recebimento do refrigerante.

Entre os elementos de coesão, também se destacam os pronomes relativos. O pronome relativo (que, o qual, cujo, quem, onde) substitui um termo anterior na oração e cumpre a mesma função sintática que seria exercida pelo termo que ele substitui.

O mau uso do pronome relativo pode causar problemas de interpretação. Veja a seguir:

O rapaz foi morto com dois tiros nas costas anteontem por ter posto a mão em um doce em uma lanchonete que não ia comprar.

O pronome relativo destacado deveria se referir a doce, mas entende-se que a vítima não ia comprar a lanchonete. Na verdade, a oração adjetiva "que não ia comprar" deveria estar colocada imediatamente após o substantivo "doce".

Observe o uso dos pronomes relativos nos exemplos seguintes. Note que se deve respeitar a regência do verbo e/ou do nome a que está subordinado.

Os alunos comentaram o tema **que** foi proposto na aula de redação.

O tema foi proposto na aula de redação. A palavra "tema" exerceria a função de sujeito. O pronome relativo substitui "tema" e exerce a função de sujeito da segunda oração (subordinada adjetiva).

O professor a **que** os alunos se referiram tem boa didática.

Os alunos se referiram ao professor. O pronome relativo substitui "professor" e exerce a função de objeto indireto de "referiram" na oração subordinada adjetiva, por isso é antecedido da preposição "a".

Havia regras **com que/com as quais** ele não concordava.

Ele não concordava **com** as regras. O pronome "que" refere-se às regras, e o verbo "concordar" exige a preposição "com".

Em alguns casos, ainda que pouco comuns, a articulação é construída sem o uso de elementos coesivos. Observe, por exemplo, o conto de Ricardo Ramos:

Círculo fechado

Chinelos, vaso, descarga. Pia, sabonete. Água. Escova, creme dental, água, espuma, creme de barbear, pincel, espuma, gilete, água, cortina, sabonete, água fria, água quente, toalha. Creme para cabelo, pente. Cueca, camisa, abotoaduras, calça, meias, sapatos, gravata, paletó. Carteira, níqueis, jornais, documentos, caneta, chaves, relógio, maço de cigarros, caixa de fósforos. Jornal. Mesa, cadeiras, xícara e pires, prato, bule, talheres, guardanapo. Quadros. Pasta, carro. Cigarro, fósforo. Mesa e poltrona, cadeira, cinzeiro, papéis, telefone, agenda, copo com lápis, canetas, bloco de notas, espátula, pastas, caixas de entrada, de saída, vaso com plantas, quadros, papéis, cigarro, fósforo. Bandeja, xícara pequena. Cigarro e fósforo. Papéis, telefone, relatórios, cartas, notas, vales, cheques, memorandos, bilhetes, telefone, papéis. Relógio. Mesa, cavalete, cinzeiros, cadeiras, esboços de anúncios, fotos, cigarro, fósforo, bloco de papel, caneta, projetor de filmes, xícara, cartaz, lápis, cigarro, fósforo, quadro-negro, giz, papel. Mictório, pia, água. Táxi. Mesa, toalha, cadeiras, copos, pratos, talheres, garrafa, guardanapo, xícara. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Escova de dentes, pasta, água. Mesa e poltrona, papéis, telefone, revista, copo de papel, cigarro, fósforo, telefone interno, externo, papéis, prova de anúncio, caneta e papel, relógio, papel, pasta, cigarro, fósforo, papel e caneta, telefone, caneta e papel, telefone, papéis, folheto, xícara, jornal, cigarro, fósforo, papel e caneta. Carro. Maço de cigarros, caixa de fósforos. Paletó, gravata. Poltrona, copo, revista. Quadros. Mesa, cadeiras, pratos, talheres, copos, guardanapos. Xícaras. Cigarro e fósforo. Poltrona, livro. Cigarro e fósforo. Televisor, poltrona. Cigarro e fósforo. Abotoaduras, camisa, sapatos, meias, calça, cueca, pijama, chinelos. Vaso, descarga, pia, água, escova, creme dental, espuma, água. Chinelos. Coberta, cama, travesseiro.

O texto é quase totalmente composto por substantivos. Em outra situação, a mera listagem de palavras nem sequer constituiria um texto. No entanto, no caso do conto, percebemos que a ordem dos substantivos constrói a rotina do personagem. O título, "Circuito fechado", reafirma essa interpretação.

2.4.4 Coerência

Outra qualidade fundamental de qualquer texto é a coerência. Entende-se por coerência o respeito à lógica interna do texto. Ou seja, não pode haver contradições. Em uma narrativa, por exemplo, um personagem não pode executar uma ação para a qual ele não tem competência.

Fiorin e Platão (1999a) contam que, certa vez, em uma redação para vestibular, escreveu-se que o personagem foi a um jogo de futebol com a certeza de que seu time iria perder e, de fato, perdeu. O personagem declarou-se, então, bastante decepcionado. Isso é incoerente, pois a decepção pressupõe uma expectativa que é quebrada, o que não ocorreu.

Os autores apresentam outro caso, no qual um candidato escreveu que havia ido a uma festa e que lá havia muita fumaça, o que impossibilitava a visão. Afirmava que não era possível enxergar nada. No parágrafo seguinte, contudo, começou a descrever detalhadamente as pessoas que estavam por todo salão. Percebe-se, então, uma nítida contradição entre as informações.

De acordo com Maria da Graça Costa Val (2006, p. 14):

[...] a coerência do texto deriva de sua lógica interna, resultante dos significados que sua rede de conceitos e relações põe em jogo, mas também da compatibilidade entre essa rede conceitual – o mundo textual – e o conhecimento de mundo de quem processa o discurso.

Não se deve confundir coerência com verdade ou com correspondência entre o texto e a realidade. O fato de um super-herói voar ou parar um trem com a mão não é incoerente, pois a história pressupõe que o personagem tenha poderes excepcionais. Mesmo não sendo algo compatível com a realidade externa, o fato está de acordo com a lógica interna do texto. Seria incoerente se o super-herói, sem qualquer explicação, ficasse fraco e fosse incapaz de levantar, por exemplo, uma simples cadeira.

Observe o anúncio publicitário a seguir, que tem como intenção vender viagens turísticas a Aruba:

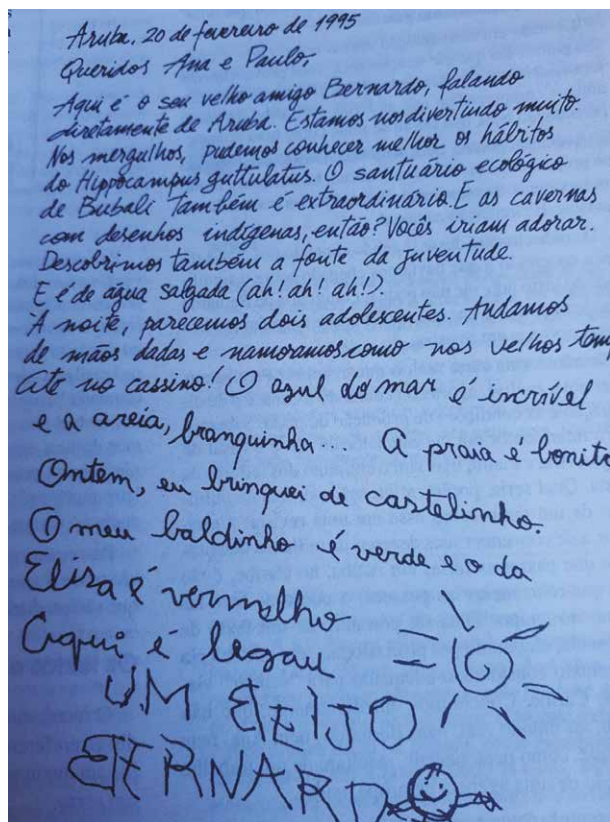


Figura 11

Aparentemente a carta é incoerente, pois há alteração na forma de expressão, tanto no aspecto redacional quanto no domínio do alfabeto. No final, além da grafia errada, observa-se a letra "B" espelhada (característica de quem está no processo de alfabetização), e nota-se que as frases ficam mais simples e pouco articuladas, como fazem as crianças no início da vida escolar. A caligrafia também se modifica ao longo do texto.

Percebemos que não há incoerência quando entendemos que o remetente se tornou novamente criança ao se divertir na praia. Há uma gradação no processo: Bernardo começa como adulto, retorna à adolescência e, depois, à infância.

Da mesma forma, em um texto argumentativo, não se podem fazer afirmações que contrariem a ideia que se está defendendo. Como exemplo, tomemos o próximo texto:

A pena de morte deve ser aplicada a assassinos, pois
ninguém tem o direito de tirar a vida de uma pessoa.

Independentemente da opinião pessoal em relação à pena de morte, não há como considerar o texto coerente, pois o autor entra em contradição. Se ninguém tem o direito de tirar a vida humana, não se pode tirar a vida do assassino. Trata-se, assim, de um caso de falta de coerência argumentativa.

Observemos a notícia a seguir:

Em SP, 45% deixam de cumprimentar com a mão por medo de gripe suína, diz pesquisa

O surto de gripe A (H1N1), conhecida como gripe suína, fez com que 67% dos paulistas mudassem seus hábitos de higiene e saúde, de acordo com pesquisa telefônica encomendada pelo governo de São Paulo que ouviu 1000 pessoas. Além disso, 45% dos entrevistados informou [sic] que não aperta mais a mão de outras pessoas para cumprimentá-las.

Entre os novos procedimentos adotados, estão: lavar as mãos mais frequentemente (84%), evitar aglomerações em locais fechados (72%) e usar álcool gel (50%).

O medo da doença, no entanto, parece que passou. Metade dos ouvidos acredita que a epidemia de gripe em São Paulo já atingiu o ponto mais crítico e vai recuar a partir de agora, sendo que 38% das pessoas não têm medo da doença, 31% estão com pouco medo e 30%, com muito medo.

Fonte: Em SP... (2009).



Observação

"Sic" é um termo em latim que significa "assim mesmo". Quando se transcreve algo de um texto e há algum erro ou alguma formulação estranha, colocamos "sic" entre parênteses, a fim de avisar o leitor que estava desse modo no original. No caso da notícia transcrita, o "sic" refere-se a um erro de concordância.

Além dos problemas de norma culta, como erros de concordância, o texto é incoerente. No título e nos dois primeiros parágrafos, apresenta-se a mudança de comportamento das pessoas por temerem a gripe suína. No último parágrafo, contudo, afirma-se que parece que o medo da doença passou, sendo que, além de tudo, os próprios dados apresentados no trecho mostram que 61% das pessoas têm pouco ou muito medo da gripe.

A incoerência pode ser causada pela má redação, ou seja, pela construção sintática. Segundo Val (2006, p. 13):

A coerência e a coesão têm em comum a característica de promover a inter-relação semântica entre os elementos do discurso, respondendo pelo que se pode chamar de conectividade textual. A coerência diz respeito ao nexos entre os conceitos e a coesão, à expressão desse nexos no plano linguístico.

Vejamos, por exemplo, a questão a seguir, proposta pela Unicamp:

Exemplo de aplicação

Questão. (Unicamp 1995, adaptada) A maneira como certos textos são escritos pode produzir efeitos de incoerência, como no exemplo: "Zélia Cardoso de Mello decidiu amanhã oficializar sua união com Chico Anysio". É o que ocorre no trecho a seguir:

As Forças Armadas brasileiras já estão treinando 3 mil soldados para atuar no Haiti depois da retirada das tropas americanas. A Organização das Nações Unidas (ONU) solicitou o envio de tropas ao Brasil e a mais quatro países, disse ontem o presidente da Guatemala, Ramiro de León. (O Estado de S. Paulo, 24 set. 1994)

- a) Qual o efeito de incoerência presente nesse texto?
- b) Do ponto de vista sintático, o que provoca esse efeito?

Resolução

Observe que o parágrafo inicia com a afirmação de que tropas brasileiras estão sendo treinadas para atuar no Haiti. No segundo período, no entanto, coloca-se que a ONU "solicitou o envio de tropas ao Brasil e a mais quatro países", o que gera o entendimento de que as tropas virão ao Brasil.

Essa incoerência é provocada pelo fato de inferirmos que o termo "ao Brasil" é complemento de "envio", e não objeto indireto de "solicitou". O trecho ficaria claro com a inversão dos termos:

A Organização das Nações Unidas (ONU) solicitou, ao Brasil e a mais quatro países, o envio de tropas, disse ontem o presidente da Guatemala, Ramiro de León.

Em alguns casos, o uso de conectivos apropriados pode eliminar aparentes incoerências. Se considerarmos os dois períodos a seguir, por exemplo, não encontraremos coerência:

Estava calor. Joana colocou o agasalho.

No entanto, podemos unir as duas orações em um único período, construindo um enunciado coerente. Basta acrescentarmos uma conjunção que estabeleça a ideia de concessão entre os dois fatos.

Embora estivesse calor, Joana colocou o agasalho.

2.4.5 Concisão

Leia os quadrinhos de Quino, cartunista argentino:

MAFALDA - Quino



Figura 12

Veja que a fala de Susanita, no último quadrinho, apresenta-se de forma confusa devido às informações que ela acrescenta à mensagem original. Com isso, a informação central sobre a abertura de uma loja de brinquedos se perde, mal é compreendida por Mafalda. Quando o texto apresenta informações desnecessárias ou, em outras palavras, é prolixo, a clareza normalmente fica comprometida. Por isso, consideramos a concisão como uma das qualidades de um bom texto escrito.



Observação

Prolixidade é a tendência em construir textos orais ou escritos extensos, com excesso de informações, normalmente desnecessárias. Em linguagem popular, é a "encheção de linguiça". Por sua vez, concisão é o oposto de prolixidade. É dizer muito com o mínimo possível de palavras. Um texto conciso não é necessariamente um texto curto, pois a concisão está relacionada à densidade do texto.

Dizem que o poeta Carlos Drummond de Andrade afirmava que, para escrever bem, a pessoa deveria aprender a "cortar" palavras. Ou seja, um bom texto implica concisão, poder de síntese. Engana-se quem pensa que "enrolar" ou despejar um monte de palavras seja uma qualidade de bons escritores. O mais difícil é justamente ser simples e direto, eficiente na comunicação da mensagem. Normalmente a "encheção de linguiça" ocorre quando não se sabe bem o que escrever ou quando se procura impressionar por falsa erudição.

Por isso, a concisão é uma qualidade muito valorizada em qualquer texto. No entanto, não se deve confundir um texto conciso com um texto "curto". O pequeno número de linhas de um texto não significa que o autor foi necessariamente conciso; ele pode simplesmente não ter dito nada. Cada palavra ou frase deve expressar o máximo possível.

O texto jornalístico, por exemplo, deve ser escrito de forma a facilitar a compreensão do fato. Os manuais de redação recomendam a concisão, argumentando que nem sempre a pessoa dispõe de tempo para ler textos extensos; assim, a informação deve ser captada de forma rápida. Da mesma forma, os textos publicitários exigem construções concisas. Um slogan, por exemplo, deve condensar a ideia central da marca em cerca de seis palavras, normalmente.

Existem redes sociais em que o número de caracteres de cada publicação é limitado. Isso exige que o usuário desenvolva a capacidade de ser conciso.

Nas escolas, muitas vezes, estimula-se a prolixidade, incentivando que os alunos preencham todas as linhas da folha de redação, como se a qualidade de um texto fosse medida "por metro". Dessa forma, muitos alunos não aprendem como ser concisos.

Não existem fórmulas para fazer um texto conciso. Normalmente se aprendem técnicas com a leitura de textos com essa característica. Pode-se, assim, aprender a concisão com a literatura (prosa e poesia) e com a publicidade, por exemplo.

José Paulo Paes (1998, p. 18) expressa muito bem a concisão em "Poética":

Conciso? Com siso.

Prolixo? Pro lixo.

Ou seja, com apenas seis palavras e a pontuação adequada, ele nos diz que o bom poema é o conciso, e que o prolixo não presta, vai para o lixo.

Também na prosa encontram-se muitos textos densos. O escritor Dalton Trevisan é um bom exemplo disso. O trecho de *A polaquinha* serve para ilustrar: "Uma vez quase que um tarado. À noite, saída de aula. Perto do cemitério, o meu caminho" (TREVISAN, 2002, p. 14).

Percebe-se, no trecho citado, que a elipse dos verbos confere ao texto um caráter quase telegráfico, impondo ritmo à narrativa. Além disso, o autor não se perde em descrições detalhadas, "cortando" efetivamente o máximo de palavras.

2.4.6 Adequação da linguagem

Considere a questão a seguir:

Exemplo de aplicação

Questão. (Enade 2007) Vamos supor que você recebeu de um amigo de infância e seu colega de escola um pedido, por escrito, vazado nos seguintes termos:

Venho mui respeitosamente solicitar-lhe o empréstimo do seu livro de Redação para concurso, para fins de consulta escolar.

Essa solicitação em tudo se assemelha à atitude de uma pessoa que:

- A) Comparece a um evento solene vestindo smoking completo e cartola.
- B) Vai a um piquenique engravatado, vestindo terno completo, calçando sapatos de verniz.
- C) Vai a uma cerimônia de posse usando um terno completo e calçando botas.
- D) Frequenta um estádio de futebol usando sandálias de couro e bermudas de algodão.
- E) Veste terno completo e usa gravata para proferir uma conferência internacional.

Resolução

Atente-se ao pedido do colega no enunciado da questão. Certamente a linguagem utilizada não é a que se espera na situação de comunicação apresentada. Ela é excessivamente formal para o diálogo entre dois colegas de escola no século XXI e usa palavras arcaicas, como "mui".

A questão propõe que se encontre a alternativa em que é apresentada uma situação análoga à do enunciado. Ou seja, uma situação em que a formalidade é inadequada.

Rapidamente percebemos que essa situação está na alternativa B. Um piquenique é um evento informal, ao qual não se vai de terno, sapato envernizado e gravata. Trata-se de formalidade inadequada à ocasião.

Normalmente se pensa que apenas a informalidade pode ser inadequada. Todos estranhariam, por exemplo, um palestrante em um evento universitário que cometesse erros graves, como "Nós vai falar hoje". Certamente isso desqualificaria sua fala e faria com que ele perdesse credibilidade perante a plateia. No entanto, a formalidade em situações cotidianas também não é apropriada, como se viu na questão.

2.4.6.1 Níveis de linguagem

Considera-se que existem dois níveis básicos de linguagem: o formal e o informal. Como o próprio nome indica, no nível formal, há preocupação com a forma, ou seja, há maior cuidado na escolha das palavras, evitam-se as gírias, por exemplo, e procura-se elaborar melhor a construção das orações e dos períodos, prestando mais atenção nas regras da norma culta. No nível informal, há mais liberdade, espontaneidade.

Não existe um nível certo e outro errado. Existe o nível adequado, tanto na fala quanto na escrita. Um pronunciamento em um auditório, por exemplo, exige o uso da linguagem formal. A conversa do dia a dia transcorre, normalmente, no nível informal.

Um bom exemplo é a questão da colocação pronominal. No Brasil, temos o hábito de usar a próclise (colocar o pronome na frente do verbo), embora a gramática recomende a ênclise. Assim, o correto, de acordo com a norma culta, seria pedir em um bar: "Dê-me uma cerveja". Mas sabemos que mesmo as pessoas que conhecem as regras gramaticais dizem: "Me dá uma cerveja". O informal é mais adequado, no caso, para a comunicação.

Oswald de Andrade abordou esse tema no famoso poema "Pronominais":

Pronominais

Dê-me um cigarro
Diz a gramática
Do professor e do aluno
E do mulato sabido
Mas o bom negro e o bom branco
Da Nação Brasileira
Dizem todos os dias
Deixa disso camarada
Me dá um cigarro

Fonte: Andrade (1971, p. 89).

Veja que o poeta modernista valoriza o coloquial, a forma de comunicação do povo. Muitas vezes, utiliza-se o nível popular, com grandes desvios em relação à norma culta, para atingir determinado efeito. É o que ocorre na música de Adoniran Barbosa, transcrita a seguir:

Samba do Arnesto

O Arnesto nos convidô prum samba, ele mora no Brás
Nóis fumo e não encontremos ninguém
Nóis vortemo cuma baita duma reiva
Da outra vez nóis num vai mais

Nóis não semo tatu!
Outro dia encontremo com o Arnesto
Que pidiu descurpa mais nóis não aceitemos
Isso não se faz, Arnesto, nóis não se importa
Mais você devia ter ponhado um recado na porta
Anssim: "Ói, turma, num deu prá esperá
A vez que isso num tem importância, num faz má
Depois que nóis vai, depois que nóis vorta
Assinado em cruz porque não sei escrever, Arnesto"

Fonte: Barbosa (1999).

Adoniran consegue, com muita propriedade, representar na música a fala popular, misturando o dialeto rural com o urbano. Se passarmos a letra para a norma padrão, perderemos toda a graça e genialidade da música. Por isso, não há erros na música, mas sim adequações linguísticas, que produzem um efeito de sentido especial.

Observamos, portanto, que a língua não é única. Basta conversarmos com pessoas de distintas regiões, idades, ou classes sociais para percebermos pronúncias, construções e expressões diferentes. A variação linguística é algo natural, uma vez que a língua é um fenômeno social dinâmico.



Observação

Variedade linguística é cada um dos sistemas em que a língua se diversifica, variando seus elementos (vocabulário, pronúncia, morfologia ou sintaxe).

Deve-se ressaltar, contudo, que existe uma norma culta, ou norma padrão, que é, de certa forma, "imposta" como a "correta". É formada por regras que determinam como as pessoas devem se expressar. Trata-se da forma de dizer que confere mais status. Na vida acadêmica e profissional, é imprescindível dominar a norma culta.

2.4.6.2 Escolha vocabular e variantes linguísticas

A seleção lexical (escolha de palavras) é muito importante na construção de qualquer texto. Entende-se por léxico o conjunto de palavras usadas pelos falantes da língua.

Embora haja sinônimos, a troca de palavras, muitas vezes, altera o efeito de sentido. Por exemplo, se um jornal diz que os sem-terra invadiram mais terras e outro diz que os sem-terra ocuparam mais terras, há, obviamente, uma diferença de sentido. O verbo "invadir" tem uma conotação de agressividade, de algo realizado à força, o que passa ao leitor uma ideia negativa dos sem-terra.

Observe a charge a seguir:



Figura 13

A fala empolada do patrão ao justificar a demissão do funcionário dificulta a compreensão do trabalhador. O humor do texto apoia-se justamente na linguagem utilizada pelo capitalista, não adequada para uma comunicação clara com seu interlocutor. Com o palavreado pomposo, o patrão confunde o funcionário, que não compreende o discurso.

Muitas vezes, em textos publicitários e empresariais, usam-se termos estrangeiros não por não haver tradução, mas por uma questão de efeito de sentido. Vender um carro com airbag parece mais viável do que vender um com saco de ar. Da mesma forma, fazer uma call em uma reunião parece mais moderno do que fazer uma ligação. Devemos lembrar que os textos devem ser compreendidos dentro do seu contexto histórico e cultural e que há, na nossa sociedade, uma valorização dos produtos estrangeiros; por isso, os estrangeirismos carregam a ideia de status, de melhor qualidade.

Deve-se destacar ainda a presença de neologismos, isto é, palavras novas, criadas. Há algumas que acabam incorporadas por conta de novos hábitos na sociedade, como os verbos "tuitar" e "sextou".

Veja, por exemplo, o poema de Manuel Bandeira:

Neologismo

Beijo pouco, falo menos ainda
Mas, invento palavras
Que traduzem a ternura mais funda
E mais cotidiana
Inventei, por exemplo o verbo teadorar
Intransitivo;
Teodoro, Teodora

Fonte: Bandeira (1970, p. 87).



Observação

O verbo adorar é transitivo direto, ou seja, adoramos alguma coisa ou alguém. O poeta incorporou o objeto (o pronome te) ao verbo, tornando-o parte integrante. Dessa forma, o verbo passa a ser intransitivo. Além disso, percebe-se o trocadilho que o autor faz com o nome da amada.

Outra categoria especial do léxico é o regionalismo. São palavras e expressões comuns em alguma região do país.

Veja, a seguir, os quadrinhos de Laerte. Eles criticam o preconceito contra os nordestinos, mostrando que são eles que constroem as metrópoles com sua força de trabalho. O personagem raivoso expulsa o outro, caracterizado como migrante pelos trajes e pelo linguajar.



Figura 14

Também temos como exemplo a próxima tirinha, que apresenta uma caricatura da língua portuguesa falada no estado de Minas Gerais.



Figura 15

Devemos ainda mencionar o arcaísmo. O uso de palavras arcaicas pode ser fundamental para caracterizar, por exemplo, personagens ou épocas. É isso que faz Carlos Drummond de Andrade na crônica apresentada a seguir:

Antigamente

Antigamente, as moças chamavam-se mademoiselles e eram todas mimosas e muito prendadas. Não faziam anos: completavam primaveras, em geral, dezoito. Os janotas, mesmo não sendo rapagões, faziam-lhes pé de alferes, arrastando a asa, mas ficavam longos meses debaixo do balaio. E, se levavam tábua, o remédio era tirar o cavalo da chuva e ir pregar em outra freguesia. As pessoas, quando corriam, antigamente, era para tirar o pai da força, e não caíam de cavalo magro. Algumas jogavam verde para colher maduro e sabiam com quantos paus se faz uma canoa. O que não impedia que, nesse entremeses, esse ou aquele embarcasse em canoa furada. Encontravam alguém que lhes passava a manta e azulava às de vila-diogo. Os mais idosos depois da janta, faziam o quilo, saindo para tomar a fresca; e também tomavam cautela de não apanhar sereno. Os mais jovens, esses iam ao animatógrafo, e mais tarde ao cinematógrafo, chupando balas de alteia. Ou sonhavam em andar de aeroplano; os quais, de pouco siso, se metiam em camisa de onze varas, e até em calças pardas; não admira que dessem com os burros n'água.

Fonte: Drummond de Andrade (1999, p. 97).

Você deve ter estranhado o uso de muitas palavras e expressões. Algumas devem ter soado totalmente incompreensíveis. A expressão "fazer pé de alferes", por exemplo, quer dizer cortejar, paquerar ou, em linguagem atual, "xavecar". Repare que a troca da expressão original por um desses sinônimos quebraria o sentido do texto, o de retratar uma época passada.

Exemplo de aplicação

Pesquise as palavras e expressões arcaicas desconhecidas do texto de Drummond.

2.4.7 Paragrafação adequada

A unidade básica de um texto é o parágrafo, composto, normalmente, por orações e períodos. Graficamente, o parágrafo é marcado por um recuo inicial, seja no texto escrito à mão ou no digitado no computador. Tematicamente, o parágrafo é composto por uma ideia central.

Vejamos, sob o viés da metalinguagem, o parágrafo seguinte, extraído do livro *Comunicação em prosa moderna*, de Othon Garcia (1985, p. 250):

O parágrafo é uma unidade de composição constituída por um ou mais de um período, em que se desenvolve determinada ideia central, ou nuclear, a que se agregam outras, secundárias, intimamente relacionadas pelo sentido e logicamente decorrentes dela.

Depreendemos do exemplo que o parágrafo é construído de acordo com o desenvolvimento de uma ideia central. Não há propriamente uma regra para a elaboração de um parágrafo. Como explica o autor:

Trata-se, evidentemente, de uma definição, ou conceito, que a prática nem sempre confirma, pois, assim como há vários processos de desenvolvimento ou encadeamento de ideias, pode haver também diferentes tipos de estruturação de parágrafo, tudo dependendo, é claro, da natureza do assunto e sua complexidade, do gênero de composição, do propósito, das idiossincrasias e competência (competence) do autor, tanto quanto da espécie de leitor a que se destine o texto. De forma que esse conceito se aplica a um tipo de parágrafo considerado como padrão, e padrão não apenas no sentido de modelo, de protótipo, que se deva ou que convenha imitar, dada a sua eficácia, mas também no sentido de ser frequente, ou predominante, na obra de escritores – sobretudo modernos – de reconhecido mérito (GARCIA, 1985, p. 250).

A divisão do texto em parágrafos depende do gênero a que ele pertence, do desenvolvimento e do encadeamento das ideias.



Saiba mais

Para outras informações sobre a estrutura do parágrafo, consulte o livro *Comunicação em prosa moderna*, de Othon Garcia.

GARCIA, O. *Comunicação em prosa moderna*. 12. ed. São Paulo: Fundação Getulio Vargas, 1985.



Observação

O romance *Memorial de Santa Cruz*, do escritor brasileiro Sinval Medina, é composto por apenas dois parágrafos. O primeiro diz somente: "Cheguei em tempo de escravidão". O segundo, por sua vez, é composto por 291 páginas. Obviamente, trata-se de um recurso literário explorado pelo autor que confere originalidade à obra.

3 TÓPICOS GRAMATICAIS

Apresentaremos aqui alguns tópicos relacionados à gramática padrão, explicando e corrigindo problemas comuns em textos escritos. O objetivo não é esgotar o tema; por isso, recomendamos que os estudantes consultem, também, alguma gramática da língua portuguesa.

3.1 Ortografia

Embora não seja o único tipo de problema, os erros ortográficos são, em geral, os mais evidentes. Imagine que você se depare com o seguinte texto em um artigo de jornal: "O proficional de qualquer área deve saber se expreçar bem". A grafia incorreta das palavras "profissional" e "expressar" chama a atenção e, normalmente, faz com que o leitor desqualifique o conteúdo do texto.



Lembrete

Os problemas ortográficos referem-se à escrita incorreta de palavras.

É comum vermos placas com vários erros ortográficos, como o exemplo a seguir:



Figura 16

Muitas pessoas riem de placas escritas desse jeito. No entanto, é preciso considerar que o registro escrito feito por pessoas com baixa escolaridade tende a reproduzir o aspecto sonoro das palavras. Há uma lógica nesse tipo de grafia que deve ser considerada. O não respeito a essa forma de expressão provoca o que chamamos de preconceito linguístico, que tende a desvalorizar quem não teve condições de ter instrução formal e, por isso, não se vale da norma padrão.



Saiba mais

Para saber mais sobre preconceito linguístico, leia os seguintes livros de Marcos Bagno:

BAGNO, M. *A língua de Eulália: novela sociolinguística*. 16. ed. São Paulo: Contexto, 1997.

BAGNO, M. *Preconceito linguístico*. 56. ed. São Paulo: Parábola, 2015.

Devemos ressaltar que, de fato, o domínio gramatical é um fator de status social. Para determinadas funções sociais, o desvio em relação à norma padrão pode prejudicar a imagem da pessoa. Sobre o impacto negativo dos erros ortográficos, vamos resolver a questão a seguir, proposta no livro *Lições de texto: leitura e redação*, de Fiorin e Platão (1999b, p. 300).

Exemplo de aplicação

Questão. Certos erros de português, sobretudo aqueles que indicam desconhecimento da língua escrita, embora não cheguem a prejudicar a compreensão da mensagem, são arrasadores para a imagem do enunciador do texto, prejudicando o seu peso argumentativo.

Leia o trecho que vem a seguir, extraído da revista *Veja* de 22/1/86:

Quando era ministro da Educação, Passarinho recebeu correspondência de um reitor de uma universidade, solicitando verbas ao "iminente ministro", que não pestanejou. Colocou-a de volta no correio, dizendo que já havia sido nomeado...

Com base no que você acaba de ler, procure responder:

Qual o motivo pelo qual Passarinho (Jarbas Passarinho), ministro da Educação em 1986, devolveu a carta ao reitor?

Além da devolução da carta, que outro prejuízo afetou a figura do reitor?

Por que o erro linguístico, sobretudo certo tipo como esse, funciona como contra-argumento?

Resolução

O reitor usou, de forma equivocada, o termo "iminente" para se referir ao ministro. O correto seria "eminente", que significa "hierarquicamente superior", "proeminente". O adjetivo "iminente", por sua vez, refere-se a algo que está prestes a acontecer, como em "perigo iminente". Assim, Jarbas Passarinho zombou do reitor ao responder que não estava "prestes a se tornar ministro", pois já estava no cargo.

Esse erro, cometido por um reitor de universidade, prejudica a imagem do profissional, responsável pela educação do nível superior. Diante dele, o ministro teve o motivo de que necessitava para negar a verba solicitada.

No entanto, nem sempre a palavra escrita incorretamente se caracteriza como um erro. Observe, por exemplo, o anúncio a seguir:



Figura 17

O publicitário intencionalmente embaralhou as letras da palavra para reforçar a ideia de embaraçado, destacando o principal benefício do produto. Um recurso intencional não pode ser considerado erro, pois foi produzido para atingir determinado efeito de sentido.

Devemos lembrar que, há poucos anos, aderimos à mudança ortográfica de algumas palavras, em um acordo com os demais países falantes do português. O acordo ortográfico alterou a grafia de algumas palavras, especialmente no que diz respeito à acentuação e ao uso do hífen. O trema, que muitos nem usavam, foi abolido. Os quadrinhos a seguir brincam com esse fato:



Figura 18



Saiba mais

As normas do acordo ortográfico estão disponíveis em vários livros e sites. Sugerimos que você consulte o apêndice do livro *Perca o medo de escrever*, de Inez Sautchuk.

SAUTCHUK, I. *Perca o medo de escrever: da frase ao texto*. São Paulo: Saraiva, 2011.

3.2 Pontuação

Veja a "brincadeira" transcrita a seguir:

A herança

Um homem rico estava muito mal, agonizando. Pediu papel e caneta. Escreveu assim: "Deixo meus bens a minha irmã não a meu sobrinho jamais será paga a conta do padeiro nada dou aos pobres". Morreu antes de fazer a pontuação. A quem deixava a fortuna? Eram quatro concorrentes.

- 1) O sobrinho fez a seguinte pontuação: Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.
- 2) A irmã chegou em seguida. Pontuou assim o escrito: Deixo meus bens à minha irmã. Não a meu sobrinho. Jamais será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.
- 3) O padeiro pediu cópia do original. Puxou a brasa pra sardinha dele: Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro. Nada dou aos pobres.
- 4) Aí, chegaram os descamisados da cidade. Um deles, sabido, fez esta interpretação: Deixo meus bens à minha irmã? Não! A meu sobrinho? Jamais! Será paga a conta do padeiro? Nada! Dou aos pobres.

Moral da história: A vida pode ser interpretada e vivida de diversas maneiras. Nós é que fazemos sua pontuação.

E isso faz toda a diferença...

Fonte: A herança (s.d.).

Esse texto é bastante pertinente para pensarmos que a pontuação não é um mero acessório. Muitas pessoas "salpicam" vírgulas e pontos pelo texto sem perceberem que os pontos, as vírgulas e os demais sinais marcam a entonação e o sentido das frases. Ou seja, na construção de um texto, a pontuação desempenha notável papel como recurso expressivo, uma vez que ordena e orienta a leitura. A pontuação também indica a expressividade pretendida pelo enunciador.

Veja, por exemplo, os seguintes enunciados:

- A Maria casou de novo.
- A Maria casou de novo?

- A Maria casou de novo!
- A Maria? Casou de novo!
- A Maria casou de novo?!

Observa-se que a reação emocional do enunciador e o julgamento do fato que ele faz alteram-se consideravelmente nos cinco exemplos.

O texto publicitário, como outros gêneros, pode explorar a pontuação de forma criativa, buscando a expressividade desejada, mesmo que, para isso, se desvie da norma padrão.

Pelas regras gramaticais, por exemplo, o ponto final, que marca o fim de um período, é usado para separar sentenças organizadas de pensamento. Ele não separa os elementos essenciais de uma oração. No entanto, não é a obediência a essa regra que se observa no exemplo a seguir:

Nova F-250 com tração 4x4. É forte. É 4x4. É Ford.

Devemos notar que o primeiro ponto final separa o sujeito do seu predicado. Embora não esteja de acordo com a norma padrão, a utilização desse ponto confere mais expressividade ao anúncio, destacando o nome do veículo. A sequência de três predicados nominais, com a mesma estrutura e o mesmo sujeito, enfatiza as características positivas do produto.

Vejamos mais um exemplo na seguinte questão:

Exemplo de aplicação

Questão. (Enade 2015) Em homenagem ao Dia do Motorista, comemorado em 25 de julho, foi veiculado o seguinte anúncio publicitário: "Esse. Anúncio. É. Assim. Mesmo. Com. Uma. Série. De. Pontos. Um. Atrás. Do. Outro. Porque. É. Para. Lembrar. A. Você. Que. Hoje. É. Dia. De. Homenagear. O. Motorista. De. Ônibus".

Fonte: CLUBE DE CRIAÇÃO. *24º Anuário de Criação*. São Paulo, 1999. Adaptado.

Considerando o anúncio mencionado no texto, avalie as afirmativas a seguir:

- I – A utilização da palavra "pontos" no anúncio é realizada com o objetivo de evocar duplo sentido.
- II – No anúncio, faz-se uso da metalinguagem para explicar o processo criativo de sua produção e o emprego da pontuação.
- III – A ideia criativa do anúncio explora o uso excessivo do ponto, a fim de remeter ao percurso realizado por um motorista de ônibus, ao longo de um dia de trabalho.

É correto o que se afirma em:

- A) I, apenas.
- B) III, apenas.
- C) I e II, apenas.
- D) II e III, apenas.
- E) I, II e III.

Resolução

No texto, "ponto" refere-se tanto à parada do ônibus quanto ao sinal gráfico, ou seja, há um duplo sentido na palavra. Perceba que o próprio anúncio explica seu processo de construção, o que configura a presença da função metalinguística da linguagem. Repare também que a pontuação do texto intencionalmente não segue a norma culta para representar a trajetória do meio de transporte, marcada por várias paradas. Dessa forma, as três afirmativas são verdadeiras, e a alternativa correta é a E.

3.3 Concordância verbal e nominal

Observe a tirinha:



Figura 19

Peguemos o trecho lido da notícia:

Uma gangue de ladrões foram pegados pela Polícia ontem e...

Em primeiro lugar, podemos apontar a grafia errada em "Polícia" e o uso incorreto do particípio. No caso, deveria ter sido usada a forma irregular (pegos). Mas, além disso, há um erro de concordância, pois o núcleo do sujeito é gangue, que é um substantivo feminino e está no singular. Assim, o correto seria:

Uma gangue de ladrões foi pega pela Polícia ontem e...

A regra básica da concordância verbal é o verbo concordar sempre com o sujeito. Considerando isso, percebemos o erro do exemplo da tirinha.

Apesar de parecer uma regra simples, há casos em que o sujeito não existe ou não é muito evidente. O primeiro caso acontece com o verbo "haver" no sentido de "existir". O verbo é impessoal, ou seja, não tem sujeito; por isso, deve ficar sempre no singular. Veja os exemplos:

- Havia muitas pessoas na festa.
- Houve muitas manifestações contra a corrupção.
- Deve haver muitos candidatos inscritos.
- Pode haver pancadas de chuva à tarde.

O verbo "haver" só terá plural se for auxiliar, como no período a seguir:

Eles já haviam saído quando as pizzas chegaram.

Outro caso semelhante acontece com o verbo "fazer" para indicar tempo, que deve ficar sempre no singular:

- Faz dois anos que não o vejo.
- Vai fazer três meses que estou naquela empresa.
- Fazia cinco anos que não comia carne.

Um caso que gera bastante dúvida é quando há o uso da partícula "se". É necessário distinguir se a oração está na voz passiva sintética ou não. Para isso, usamos o "truque" de transformá-la para a voz passiva analítica:

- Analisaram-se todos os aspectos da questão (Todos os aspectos da questão foram analisados).
- Consertam-se geladeiras (Geladeiras são consertadas).
- Contrataram-se dois estagiários (Dois estagiários foram contratados).

Quando não é possível fazer a transformação, o verbo fica no singular, pois se trata de um caso de sujeito indeterminado:

- Precisa-se de funcionários experientes (Não é possível dizer: de funcionários experientes são precisos).
- Trata-se de questões complexas (Não é possível dizer: de questões complexas são tratadas).
- Vive-se bem naquele país (Não é possível dizer: naquele país é vivido bem).

Além da concordância verbal, devemos mencionar os casos de concordância nominal, cuja regra básica é: o adjetivo, o pronome, o artigo e o numeral concordam com o substantivo a que se referem. Assim, identifica-se erro no período:

O coordenador não deixou claro, na reunião, suas propostas.

O adjetivo "claro" qualifica "propostas", e, por isso, deveria estar no feminino e no plural:

O coordenador não deixou claras, na reunião, suas propostas.

Uma dúvida frequente aparece com os adjetivos "anexo" e "incluso". Como os demais, eles devem concordar com o substantivo. Veja os exemplos a seguir:

- Segue anexo o contrato.
- Segue anexa a cópia.
- Seguem anexos os contratos.
- Seguem anexas as cópias.

Outro caso que merece destaque é a palavra "meio". Se tiver sentido de advérbio, é invariável. O feminino é usado para designar a metade. Veja os exemplos:

- Ela está meio nervosa (Ela está um pouco nervosa).
- Comeu meia torta (Comeu metade da torta).

Seguindo essa regra, você deve ter notado que o correto é dizer "meio-dia e meia", pois o "meia" indica metade de uma hora.

Observe a manchete de uma revista eletrônica:

"Bloco de carnaval não é lugar para mulher direita", diz 49% dos homens em pesquisa

Observe que há um erro de concordância verbal. O sujeito "49% dos homens" exige o verbo no plural: "dizem".

Veja, agora, esta manchete de jornal:

Ao lado de investigados, ministra diz que é inaceitável as críticas ao Judiciário

Repare que o adjetivo "inaceitável" se refere a críticas, que é um substantivo feminino e está no plural. Assim, o correto é: "são inaceitáveis as críticas".

3.4 Regência verbal e nominal

Vejamos a questão a seguir:

Exemplo de aplicação

Questão. (ITA 2002, adaptada) Leia com atenção a seguinte frase de um letreiro publicitário:

Esta é a escola que os pais confiam.

- A) Identifique o problema em relação à norma culta e corrija.
- B) Justifique por que o erro em relação à norma padrão prejudica a mensagem neste caso.

Resolução

Trata-se de um problema de regência verbal, pois o verbo "confiar" exige a preposição "em". De acordo com a norma culta (ou norma padrão), o anúncio deveria ser o seguinte:

Esta é a escola em que os pais confiam.

Em geral, os textos publicitários tendem a usar o nível de linguagem coloquial. São várias as peças em que o problema apresentado na questão aparece, sem prejuízo para a mensagem. No entanto, no caso de ser o anúncio de uma escola, a não obediência às regras gramaticais prejudica a credibilidade do anunciante. Afinal, para merecer a confiança dos pais, a instituição de ensino deve prezar pelo uso da norma culta. Dessa forma, a informalidade do letreiro prejudicou a imagem da instituição.

Em outras peças, contudo, os desvios em relação à norma culta são tolerados. É o que acontece no anúncio a seguir, em que aparece a regência coloquial do verbo "preferir". De acordo com a norma culta, o verbo deveria vir acompanhado pela preposição "a": "Para quem prefere assistir a um bom filme a ler um bom manual de instruções". Atente para o fato de que a regência do verbo "assistir" segue a norma padrão:



Figura 20

Observar a regência significa verificar se a palavra exige uma preposição. Por exemplo, o verbo "gostar" exige a preposição "de", e o adjetivo "apto" exige a preposição "a".

No dia a dia, quando usamos o nível informal da linguagem, acabamos desrespeitando as regras de regência, mas devemos nos atentar a elas quando escrevemos um texto no nível formal. Veja os exemplos a seguir, o primeiro na forma coloquial, incorreta sob o ponto de vista da norma culta, e o segundo na forma correta, de acordo com a norma culta:

Achei o livro que precisava.

Achei o livro de que (do qual) precisava.

O "segredo" é observar a regência dos verbos ou dos adjetivos e substantivos que usamos. Veja a seguir:

- Não gostei do filme a que (ao qual) assisti.
- Não li o regulamento a que (ao qual) devemos obedecer.
- Não li a obra a que (à qual) o professor fez referência.
- Conheci a garota de quem (da qual) ele tanto falava.

Deve-se observar que, de acordo com a norma culta, não podemos usar o mesmo complemento para palavras com regências diferentes. Veja os exemplos, primeiro na forma coloquial, incorreta sob o ponto de vista da norma culta, e na sequência a forma corrigida:

Vi e gostei da peça./Vi a peça e gostei dela.

São programas que o público assiste e se identifica./São programas
a que o público assiste e com que se identifica.

Hoje em dia, o jovem está exposto e influenciado pela mídia./Hoje
em dia, o jovem está exposto à mídia e é influenciado por ela.

Alguns pronomes e seu uso

Cujo

Sempre exerce a função de **adjunto adnominal** e, por isso, sempre acompanha um substantivo. Marca uma relação de posse entre o antecedente e o termo especificado pelo pronome.

O autor **cujo** livro será lançado hoje perdeu o avião (o livro **do autor**).

Repare que o pronome concorda com o termo posterior:

Apaixonei-me por uma menina **cujas** amigas me odeiam (as amigas **da menina**).

Não se admite o uso de artigo após o pronome. Por se tratar de pronome relativo variável, a concordância é marcada no próprio pronome. Veja no exemplo a forma incorreta seguida da correta:

O filme cujo os atores estiveram no Brasil foi elogiado pela crítica.

O filme cujos atores estiveram no Brasil foi elogiado pela crítica.

Onde

Equivale a **em que** e **no(a) qual** quando o termo antecedente indica lugar físico:

São Paulo é a cidade onde moro.

É comum o uso equivocado de **onde** para substituir termos sem noção espacial. Veja a forma incorreta seguida da forma correta:

Foi um dia onde muitas novidades foram divulgadas./Foi um dia **em que** muitas novidades foram divulgadas.

A crítica, onde o livro é elogiado, destacou a originalidade do escritor./A crítica, **na qual** o livro é elogiado, destacou a originalidade do escritor.

3.5 Uso dos pronomes pessoais

É comum, na fala, ouvirmos frases assim:

Encontrei ele na rua.

Avisaram ela de que a prova foi adiada.

No entanto, no registro escrito, elas não seriam adequadas, pois desrespeitam a norma em relação ao uso dos pronomes pessoais. Os pronomes do caso reto (eu, tu, ele, nós, vós e eles) não podem ser usados como complementos do verbo (objetos). Para isso, devem ser empregados os pronomes oblíquos. Assim, o correto seria:

Encontrei-o na rua.

Avisaram-na de que a prova foi adiada.

Cabe ressaltar, mais uma vez, que certos textos usam intencionalmente o desvio da gramática normativa para criar determinado efeito. É o que ocorre no trecho da música de Marisa Monte.

Beija Eu

Seja eu!
Seja eu!
Deixa que eu seja eu
E aceita
O que seja seu
Então deita e aceita eu...

Molha eu!
Seca eu!
Deixa que eu seja o céu

E receba
O que seja seu
Anoiteça e amanheça eu
[...]

Fonte: Monte (1991).

Observe que o uso do "eu" como objeto dos verbos está em desacordo com a gramática padrão. No entanto, trata-se de uma forma comum na fala infantil, muitas vezes imitada no discurso amoroso.

A questão do uso dos pronomes também aparece nos quadrinhos a seguir, em que um dos personagens chama a atenção do outro para a obediência à norma culta.



Figura 21

No texto, para "acertar o pronome", o correto seria "vamos arrasá-los".

É comum, também, a confusão no uso dos pronomes "eu" e "mim". Você já deve ter ouvido alguém falar: "O professor deu um trabalho para mim fazer". No caso, o pronome oblíquo não pode exercer a função de sujeito do verbo "fazer". O correto é: "O professor deu um trabalho para eu fazer". No entanto, sem o verbo "fazer", o correto é: "O professor deu um trabalho para mim".

3.6 Emprego de formas verbais

É possível que você já tenha escutado alguém dizer assim: "Se ele tivesse chego mais cedo, faria a prova". Nessa fala, ocorre um erro bastante comum, referente ao uso do particípio de alguns verbos.



Observação

Particípio é a forma nominal que expressa uma ação já finalizada. Os particípios regulares são formados pelas terminações "ado" e "ido", como cantado e lido, por exemplo.

De fato, existem verbos que admitem mais de um particípio, ou seja, além da forma regular, apresentam também a forma irregular. Isso acontece, por exemplo, com os verbos "pegar" (pegado, pego), "pagar" (pagado, pago) e "entregar" (entregado, entregue). São os chamados verbos abundantes.

Nesses casos, recomenda-se que a forma regular seja usada com os verbos auxiliares (ter/haver), e a irregular com o verbo "ser". Assim, dizemos: "Eu não tenho pagado todas as minhas contas"/"O boleto foi pago".

Ocorre que o verbo "chegar" não é abundante e só tem como particípio a forma regular, ou seja, "chegado". Dessa forma, o exemplo inicial deveria ser: "Se ele tivesse chegado mais cedo, faria a prova".

Esse problema também acontece com o verbo "trazer", que só tem como particípio a forma regular, ou seja, "trazido". Assim, o correto é: "Ele deveria ter trazido um casaco".

3.7 Dúvidas e problemas comuns do dia a dia

Neste tópico, iremos abordar algumas dúvidas que atingem os falantes da língua portuguesa no dia a dia. Veja a seguir:

Mas/mais

Na fala, costumamos pronunciar "mas" como se houvesse um "i". Assim, "mas" e "mais" soam do mesmo jeito. No entanto, "mas" é uma conjunção adversativa, com sentido de "porém", e "mais" é o oposto de "menos".

Dessa forma, temos:

Ele deveria ir à aula hoje, mas apareceram mais urgências no trabalho.

Porque/por que/porquê/por quê

Repare no diálogo a seguir:

- *Queria saber por que você está chateado comigo.*
- *Ora, porque você me magoou.*
- *Por quê?*
- *Você sabe muito bem o porquê.*

Temos aí quatro grafias diferentes que, na verdade, apresentam sentidos diferentes. Na primeira fala, "por que" significa "por qual motivo". Na segunda, "porque" é uma conjunção causal, que pode ser substituída por "uma vez que" ou "pois", por exemplo. O "por quê" é usado também no sentido de "por qual motivo", mas no final da frase. E o "porquê" corresponde à substantivação da palavra, ou seja, quando ela passa a designar "motivo", normalmente, ela vem acompanhada de artigo definido ou indefinido.

A/há/à/ah

Observe os quadrinhos a seguir, publicados no Dia Internacional da Mulher:



Figura 22

No primeiro quadrinho, temos o artigo antes do substantivo. No segundo, informa-se que a luta existe, pois "há" é verbo. No terceiro, há a contração da preposição com o artigo, convidando as personagens a irem à luta. Temos, ainda, a interjeição "ah": "Ah, que saudades dela!"

Mau/mal

As palavras "mau" e "mal" têm o mesmo som, mas significados diferentes. "Mau" é o antônimo de "bom", e "mal" é o antônimo de "bem". Assim, para acertarmos a grafia, basta fazer a troca pelo oposto. Veja os exemplos:

Ela canta mal (canta bem).

Ele foi um mau aluno (bom aluno).

Atenção para o feminino do adjetivo "mau", que é "má": "Ela foi uma má aluna".

Onde/aonde

Como já foi dito, um erro muito comum em vários textos é o uso inadequado da palavra "onde", que acaba servindo como uma espécie de "curinga" para ligar orações. Veja os exemplos:

As crianças das comunidades pobres não têm condições básicas de vida,
onde abandonam a escola para tentar a sobrevivência.

O governante fez um discurso onde prometeu investir em educação.

Nos dois casos, o "onde" foi empregado de forma inadequada. No primeiro, a ideia é de conclusão, o que exige uma conjunção como "por isso". No segundo, para retomar "discurso", o correto é usar o pronome relativo "em que" (ou "no qual").

O uso de "onde" restringe-se à referência a algum espaço físico, a algum lugar, como se vê nos exemplos:

Conheço a cidade onde meu avô nasceu.

A rua onde moro é tranquila.

Quanto ao uso de "aonde", trata-se de uma variante de "onde" para verbos que exigem a preposição "a". Em outras palavras, "aonde" também deve se referir a espaço físico, com ideia de "para onde", como se vê a seguir:

Aonde você vai?

A cidade aonde fomos era minúscula.

O mesmo

Com certeza, você já deve ter lido nos elevadores uma placa com a seguinte mensagem:

Antes de entrar no elevador, verifique se o mesmo encontra-se parado neste andar. Lei Estadual n. 9.502/97.

A placa, obrigatória por lei, usa incorretamente "o mesmo" para retomar o elevador. Esse uso, bastante comum na redação empresarial e jurídica, não é adequado, pois "o mesmo" não tem função de pronome pessoal. Podemos até brincar com a redação da placa, imaginando que "o mesmo" se refere a um maníaco que ataca nos elevadores.

No caso, seria melhor: "Antes de entrar, verifique se o elevador encontra-se parado neste andar".

Há vários usos corretos do pronome "mesmo", como se vê nos exemplos a seguir:

Eu mesma fiz o bolo.

Este é o mesmo rapaz que estive aqui ontem.

Em vez de/ao invés de

A expressão "ao invés de" deve ser usada no sentido de "ao contrário de". Assim, é correto dizer: "Ao invés de chorar, ela riu".

A expressão "em vez de" significa "no lugar de". Dessa forma, devemos usá-la nas seguintes situações:

Em vez de comer salada, decidi pedir uma pizza.

Em vez de ir ao cinema, fomos ao teatro.

Repare que a expressão "ao invés de" pode ser substituída por "em vez de", mas o contrário não ocorre.

4 TEXTOS COM PROBLEMAS

Para fixar o conteúdo apresentado até aqui, vamos analisar alguns trechos com problemas e corrigi-los. Em cada caso, há mais de uma solução possível.

O conflito entre Israel e palestinos pode ser classificado como um problema sério, onde ele ainda não encontrou solução.

Comentário: percebemos falta de paralelismo na articulação entre o país e o povo. Além disso, o conectivo "onde" está mal empregado, e o sujeito "ele" não tem um referente claro.

Correção: *O conflito entre israelenses e palestinos pode ser classificado como um problema sério, cuja solução ainda não foi encontrada.*

Uma empresa que age sustentável no mercado ganha credibilidade e confiança de seus clientes, que os mesmos criam fidelidade a ela.

Comentário: vemos o uso pouco adequado do adjetivo no lugar do advérbio, o emprego incorreto do conectivo "que" e do "mesmo" como pronome pessoal.

Correção: *Uma empresa que age sustentavelmente no mercado ganha credibilidade e confiança de seus clientes, que se tornam fiéis a ela.*

O acúmulo de placas de gordura nas paredes das artérias levam ao estreitamento das mesmas, já que isso facilita o aparecimento da hipertensão.

Comentário: percebemos o uso inadequado de "as mesmas" como pronome pessoal e da locução "já que", estabelecendo uma relação de causa quando, de fato, a relação deveria ser de consequência. Além disso, há erro de concordância verbal, pois o núcleo do sujeito (acúmulo) está no singular.

Correção: *O acúmulo de placas de gordura nas paredes das artérias leva ao estreitamento delas, o que facilita a hipertensão.*

Como no Brasil a educação é precária as crianças tentam conseguir dinheiro através de mendicância, roubo e até se prostituindo.

Comentário: percebemos a falta de paralelismo na articulação de substantivos e verbo e um problema de pontuação. Também observamos o uso inadequado de "através", que deve se referir a algo que "atravessa".

Correção: *Como a educação é precária no Brasil, as crianças tentam conseguir dinheiro por meio da mendicância, do roubo e até da prostituição.*

O curso tem duração de 15 dias, podendo parcelar em até 3 vezes sem juros.

Comentário: nesse anúncio, temos a impressão de que o curso será parcelado. Isso ocorre porque, com o uso do gerúndio na segunda oração, tomamos como sujeito o termo da oração principal (curso).

Correção: *O curso tem duração de 15 dias, e seu pagamento pode ser parcelado em até 3 vezes sem juros.*

O diretor do filme tece as peculiaridades do protagonista. Entra numa crise ética onde se dá conta que seu trabalho pode causar a morte de pessoas.

Comentário: nesse trecho, não sabemos quem é o sujeito da segunda oração (o diretor ou o protagonista), há o uso incorreto do conectivo "onde" e problema de regência.

Correção: *O diretor do filme tece as peculiaridades do protagonista, que entra em uma crise ética na qual se dá conta de que seu trabalho pode causar a morte de pessoas.*

Para uma empresa crescer, são fundamentais as ações:

- inovação
- investir em qualificação
- fazer um planejamento estratégico
- controle dos gastos.

Comentário: percebemos a falta de paralelismo nos itens, pois dois iniciam com verbo e dois com substantivo.

Correção: *Para uma empresa crescer, são fundamentais as ações:*

- *inovar;*
- *investir em qualificação;*
- *fazer um planejamento estratégico;*
- *controlar os gastos.*

A dificuldade deste problema encontra-se na complexidade do mesmo. Devido as várias crises econômicas, a miséria e desemprego da população, agrava a violência social.

Comentário: percebemos o uso incorreto de "mesmo", a falta de paralelismo e a construção sintática equivocada na última oração.

Correção: *A dificuldade deste problema encontra-se na sua complexidade. Devido às crises econômicas, à miséria e ao desemprego da população, agrava-se a violência social.*

É possível que ocorra alterações de preço devido o aumento de custos ou mudança de projeto, onde irá prejudicar o bolso do consumidor.

Comentário: identificamos erros de concordância e regência e o uso incorreto do conectivo "onde". Além disso, não há sujeito para a locução "irá prejudicar" e observa-se quebra de paralelismo.

Correção: *É possível que ocorram alterações de preço devido ao aumento de custos ou à mudança de projeto, o que irá prejudicar o bolso do consumidor.*

O manejo de modernos aparelhos e incentivar a constante atualização do profissional são condições necessário para a formação de um indivíduo apto a atuar em uma sociedade onde ocorre muitas mudanças.

Comentário: notamos falta de paralelismo no sujeito composto, uso inadequado do conectivo "onde" e erros de concordância.

Correção: *O manejo de modernos aparelhos e o incentivo à constante atualização do profissional são condições necessárias para a formação de um indivíduo apto a atuar em uma sociedade em que ocorrem muitas mudanças.*

Apesar de causar danos psicológicos as crianças os pais não podem ser punidos por abandono afetivo, não se sentindo responsáveis pelos filhos.

Comentário: a ausência do sujeito na primeira oração faz com que tomemos o sujeito da segunda (os pais) como agentes da ação de "causar dano". Observa-se o uso inadequado do gerúndio na articulação da terceira oração, o que também revela problema de estrutura sintática. Há, ainda, erro de falta de acento indicativo de crase e de vírgula.

Correção: *Apesar de o abandono afetivo causar danos psicológicos às crianças, os pais não podem ser punidos por isso. Assim, eles não se sentem responsáveis pelos filhos.*

Vejamos, agora, mais uma questão da Unicamp:

Exemplo de aplicação

Questão. (Unicamp 1993) A leitura literal do texto a seguir produz um efeito de humor.

As videolocadoras de São Carlos estão escondendo suas fitas de sexo explícito. A decisão atende a uma portaria de dezembro de 91, do Juizado de Menores, que proíbe que as casas de vídeo aluguem, exponham e vendam fitas pornográficas a menores de 18 anos. A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais. (Folha Sudeste, 6 jun. 1992)

- a) Transcreva a passagem que produz o efeito de humor.
- b) Qual a situação engraçada que essa passagem permite imaginar?
- c) Reescreva o trecho de forma a impedir tal interpretação.

Resolução

Repare no trecho "A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis e rodeios sem a companhia ou autorização dos pais". Entende-se que os menores devem ir a motéis com a companhia ou com a autorização dos pais. Imagina-se, assim, a cena em que os adolescentes chegam ao motel com os pais ou com uma carta de autorização deles. Na verdade, a portaria proibia a ida de menores de 18 anos a motéis e determinava a necessidade da companhia ou da autorização dos pais no caso dos rodeios. Tratava-se, portanto, de determinações diferentes. O jornalista, ao uni-las na mesma sentença, provocou a confusão.

Uma possível solução seria: "A portaria proíbe ainda os menores de 18 anos de irem a motéis; no caso de rodeios, é obrigatória a companhia ou a autorização dos pais".

Observe que muitos textos, embora possam parecer sem problemas à primeira vista, apresentam más formulações e desvios da gramática normativa.



Resumo

Nesta unidade, comentamos que a comunicação é inerente ao ser humano. Apresentamos os elementos básicos envolvidos em qualquer situação de comunicação (emissor, receptor, mensagem, canal, código e referente) e as funções da linguagem (emotiva, apelativa, poética, fática, metalinguística e referencial), que provocam efeitos diferentes naquilo que é comunicado.

Mostramos brevemente as diferenças entre a modalidade oral de comunicação e o registro escrito. O foco da unidade foi apresentar as características básicas de um bom texto escrito, entendido como aquele que cumpre sua função comunicativa.

Em outras palavras, um texto deve ser considerado eficiente quando comunica bem. Para isso, deve ser adequado à situação em que está inserido, o que envolve os interlocutores, os objetivos e a finalidade da mensagem. Desse modo, não é possível estabelecer uma única regra para avaliar um texto.

De forma geral, dizemos que um texto deve ter clareza, boa estrutura sintática, coesão, coerência, concisão, correção gramatical e adequação de linguagem. Essas características, que foram explicadas na unidade, não são independentes. Observamos que a má construção sintática, por exemplo, pode causar problemas de falta de clareza, e que o uso inadequado de um elemento coesivo pode gerar incoerência.

Da mesma forma, um enunciado prolixo provavelmente fará com que o leitor não identifique a ideia central do texto, e a escolha do nível de linguagem inadequado ou do vocabulário inapropriado implica problemas como a má compreensão da mensagem ou o descrédito por parte do enunciador.

Vimos que podem existir problemas de diferentes ordens em um texto, e que tais problemas envolvem desde a ortografia de palavras até a estrutura sintática mal construída. A gravidade desses problemas varia, mas, de qualquer forma, eles comprometem a comunicação. Assim, procuramos romper com a visão do senso comum, que considera que um texto é bom se não apresenta erros gramaticais.



Exercícios

Questão 1. Considere o anúncio e analise as afirmativas.

A vírgula

A vírgula pode ser uma pausa. Ou não.

Não, espere.

Não espere.

A vírgula pode criar heróis.

Isso só, ele resolve.

Isso, só ele resolve.

Ela pode forçar o que você não quer.

Aceito, obrigado.

Aceito obrigado.

Pode acusar a pessoa errada.

Esse, juiz, é corrupto.

Esse juiz é corrupto.

A vírgula pode mudar uma opinião.

Não quero ler.

Não, quero ler.

ABI: Associação Brasileira de Imprensa. 100 anos lutando para que **ninguém mude nem uma vírgula** da sua informação.

Disponível em: <http://www.infoescola.com/portugues/utilizacao-da-virgula/exercicios>. Acesso em: 24 jun. 2012.

I – Apesar de ter como objetivo mostrar a importância da vírgula, o anúncio comete erros no uso desse sinal de pontuação em algumas frases, como "aceito obrigado" e "isso só, ele resolve".

II – Em "Não, espere" e "Não espere", a vírgula marca a entonação e o ritmo da frase, alterando o sentido.

III – A expressão "mudar uma vírgula" no final do texto indica que a função da ABI é cuidar apenas para que os jornais não cometam erros gramaticais.

É correto o que se afirma em:

A) I, II e III.

B) I e II, apenas.

C) II e III, apenas.

D) I e III, apenas.

E) II, apenas.

Resposta correta: alternativa E.

Análise das afirmativas

I – Afirmativa incorreta.

Justificativa: não há erros de pontuação no anúncio.

II – Afirmativa correta.

Justificativa: o texto foi produzido para mostrar como a vírgula muda não somente a entonação e o ritmo de leitura como também o sentido.

III – Afirmativa incorreta.

Justificativa: a ABL se esforça para que a informação da imprensa seja correta, e não apenas para evitar erros gramaticais.

Questão 2. Leia os quadrinhos e analise as afirmativas.



Figura 23

I – A fala do personagem no primeiro quadrinho apresenta ambiguidade devido ao uso do pronome "você".

II – No terceiro quadrinho, há um erro ortográfico, pois o correto seria "mau".

III – O personagem, na sua fala, desejava se gabar e mostrar flexibilidade de movimento e, por isso, quis desafiar o colega, Hagar, a chutar a própria cabeça.

É correto o que se afirma em:

A) I, II e III.

B) I e III, apenas.

C) II e III, apenas.

D) III, apenas.

E) I, apenas.

Resolução desta questão na plataforma.

This image shows a single sheet of white paper with horizontal ruling lines. The lines are evenly spaced and run across the width of the page. There are no margins, text, or other markings on the paper.